



**Politécnico
de Viseu**
Escola Superior
de Educação
de Viseu

O Impacto Das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Dinâmicas Familiares: A Percepção De Pais/Cuidadores

Tânia da Costa Pinto

O Impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Dinâmicas Familiares: A Percepção de Pais/Cuidadores **PV – ESEV 2024**



Politécnico
de Viseu

Escola Superior
de Educação
de Viseu

O Impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Dinâmicas Familiares: A Percepção de Pais/Cuidadores

Tânia da Costa Pinto

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco

Trabalho efetuado sob a orientação da:

Professora Doutora Sara Felizardo

Professora Doutora Ana Berta Alves

**O Impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação nas dinâmicas
familiares: Perceção de Pais/Cuidadores**

Tânia da Costa Pinto

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Viseu para a obtenção do
Grau de Mestre em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco

Orientado por:

Professora Doutora Sara Felizardo

Professora Especialista Ana Berta Alves

Viseu, 2024

AGRADECIMENTOS

Findada esta jornada reveladora de tantos desafios e recompensas, não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, me ajudaram a tornar possível a realização deste mestrado. Pelo apoio, ajuda e carinho demonstrado, mesmo naqueles momentos em que a desistência era a saída mais próxima, o meu sincero bem-haja.

Em primeiro lugar quero agradecer às Professoras Sara Felizardo e Ana Berta Alves pela orientação tão próxima na elaboração da minha dissertação de mestrado. Agradeço de coração, por todo o apoio que me foi direcionado nos momentos bons, mas essencialmente nos mais difíceis. De seguida, quero expressar a minha gratidão ao professor António Luís, por prontamente se disponibilizar a enviar o questionário online para os diretores de turma e professores titulares dos anos de escolaridade abrangentes pelo meu estudo. Obrigada por toda a ajuda e empenho no processo de aplicação dos questionários de forma online (através dos emails dos encarregados de educação) e presencial.

Quero endereçar o meu profundo agradecimento às pessoas mais importantes que tenho na vida, aos meus pais, por me possibilitarem a realização deste mestrado, pois sem a ajuda tanto pessoal como financeira não teria sido possível a realização do mesmo. Também quero agradecer aos meus avós, que na sua idade avançada nunca me deixaram desanimar perante as adversidades, foram o meu porto de abrigo, os que mais rezaram por mim. Agradeço também aos meus colegas e amigos pois, todas as relações com vocês foram pertinentes para a minha formação pessoal e académica. Com todos vós adquiri conhecimentos e aprendi algo novo todos os dias.

A todos vós o meu grande bem-haja pois todos contribuíram para a minha formação e foram todos vocês peças fundamentais na construção da pessoa que me tornei hoje.

ÍNDICE

Índice de tabelas	v
Resumo	vii
Abstract.....	viii
Introdução.....	9
Capítulo I- Enquadramento Teórico	11
1. Dinâmicas relacionais nos contextos familiares	11
1.1. Família(s) numa perspetiva sistémica	11
1.2. Funcionamento da(s) família(s) e relações familiares	11
2. Tecnologias de informação e comunicação	12
2.1. Conceptualização e tipo de tecnologias	12
2.1.1. <i>Dispositivos móveis</i>	12
2.1.2. <i>Redes sociais e jogos online</i>	13
2.2. Benefícios, dificuldades e dimensão ética das tecnologias.....	14
3. A Influência das tecnologias nas relações nos sistemas familiares	16
3.1. Dinâmicas familiares e tecnologias	17
3.2. O Técnico de Intervenção Psicossocial na mediação da utilização de tecnologias em contextos familiares	21
Capítulo II - Contextualização do estudo e objetivos da investigação	23
1. Contextualização e justificação do estudo	23
2. Metodologia.....	24
2.1. Tipo de estudo	24
2.2. Participantes.....	25
2.2.1. <i>Caracterização da amostra</i>	25
2.3. Instrumento de recolha de dados.....	28
2.4. Procedimentos e técnicas de análise de dados	29
3. Apresentação e discussão de resultados.....	30
3.1. Apresentação dos resultados	31
3.1.1. <i>Análises descritivas</i>	31
3.1.2. <i>Análises inferenciais</i>	42
Conclusão	52

Referências bibliográficas	56
Anexos	60
Anexo A- Pedido de autorização ao Diretor do Agrupamento de Escolas.....	60
Anexo B- Consentimento Informado para a participação na recolha de dados.	
Anexo C- Instrumento de inquérito por questionário aplicado aos pais/cuidadores de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos.	
Anexo D- Inquérito por questionário construído no <i>googleforms</i> e enviado por email aos pais/cuidadores.	

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Estatística descritiva da idade dos Pais/cuidadores

Tabela 2 - Estatística descritiva das Habilitações Académicas dos pais/ cuidadores

Tabela3 - Estatística descritiva sobre o sexo das crianças

Tabela 4 - Estatística descritiva sobre a idade das crianças

Tabela 5 - Estatística descritiva do ano de escolaridade das crianças

Tabela 6 - Estatística descritiva do Local de Residência das Famílias

Tabela 7 - Caracterização da resposta à pergunta: “Tem mais filhos”?

Tabela 8 - Caracterização da resposta à pergunta: “O seu filho/a pratica atividades extracurriculares nos tempos livres”?

Tabela 9 - Caracterização da resposta à pergunta: “O/A seu/sua filho/a usa tecnologias?”

Tabela 10 - Caracterização da resposta à pergunta: “A primeira tecnologia que o seu filho usou foi o telemóvel?”

Tabela 11 - Caracterização da resposta à pergunta: “A primeira tecnologia que o seu filho usou foi o tablet?”

Tabela 12 - Caracterização da resposta à pergunta: “A primeira tecnologia que o seu filho usou foi o computador?”

Tabela 13 - Caracterização da resposta à pergunta: “A primeira tecnologia que o seu filho usou foi a televisão?”

Tabela 14 - Caracterização da resposta à pergunta: “O meu filho quando iniciou o contacto com as tecnologias começou com todas as anteriores?”

Tabela 15 - Caracterização da resposta à pergunta: “O/A seu/sua filho/a tem telemóvel próprio?”

Tabela 16 - Caracterização da resposta à pergunta: “O seu filho utiliza as TIC sozinho, acompanhado ou de ambas as formas”?

Tabela 17 - Caracterização da resposta à pergunta: “Como pai/mãe tem conhecimento se o/a seu filho/a utiliza as redes sociais?”

Tabela 18 - Caracterização da resposta à pergunta: “Em média, em dias de escola quantas horas o seu filho(a) passa no telemóvel, computador ou tablet?”

Tabela 19 - Caracterização da resposta à pergunta: “Na hora das refeições o/a seu/sua filho/a utiliza o telemóvel?”

Tabela 20 - Caracterização da resposta à pergunta: “Antes de dormir o/a seu/sua filho/a tem acesso ao telemóvel”?

Tabela 21 - Caracterização da resposta à pergunta: “Em média, quantas horas passam as crianças com os seus familiares/ amigos, por semana?”

Tabela 22 - Caracterização da perceção dos pais/encarregados de educação sobre a utilização das tecnologias.

Tabela 23 - Resultados do Teste Mann Whitney em relação à questão: “Quando as crianças estão mais aborrecidas, dar-lhes o telemóvel acaba por as tornar mais calmas”.

Tabela 24 - Resultados do Teste Mann Whitney em relação à questão: “Em família, o meu filho/a cumpre regras definidas para utilizar tecnologias.”

Tabela 25- Representação dos resultados obtidos através do Teste Mann Whitney como forma de atestar a H2: “Pais com maior nível de habilitações literárias têm mais preocupações com os riscos”

Tabela 26 - Representação dos resultados da investigação da H3- pais mais jovens consideram o uso das TIC mais benéfico para fins educativos do que para entretenimento.

Tabela 27 - Representação dos resultados da investigação da H3- pais mais jovens consideram o uso das TIC mais benéfico para fins educativos do que para entretenimento.

Tabela 28 - Representação dos resultados da investigação da H4- Os pais residentes em meios urbanos percebem que o uso de TIC impacta negativamente os momentos de convivência família.

RESUMO

A utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação é cada vez mais frequente na vida das famílias, quer por parte das crianças, quer por parte dos adultos. Encontram-se cada vez mais presentes nas dinâmicas familiares e nas diferentes rotinas de vida (e.g., nas refeições, antes de ir dormir, nos convívios com familiares e amigos). Estas tecnologias oferecem múltiplas possibilidades de comunicação e expressão e, por isso, as crianças têm recorrido a estas ferramentas em atividades de aprendizagem e entretenimento. Neste contexto, o presente estudo, cujo tema é: “O Impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação nas dinâmicas familiares: percepção de pais/cuidadores”, tem como objetivo orientador compreender de que maneira as tecnologias afetam as dinâmicas familiares, considerando a percepção dos pais/cuidadores. O estudo é de natureza quantitativa, de tipo não experimental. Foi utilizado o inquérito por questionário, como instrumento de recolha de dados. A amostra, de conveniência, envolveu 53 pais/cuidadores de crianças com idades entre os 6 e os 12 anos que frequentam os 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. Após a análise de dados, os principais resultados revelam-nos que as TIC não parecem influenciar negativamente as dinâmicas familiares, não se verificando diferenças estatisticamente significativas na percepção dos pais sobre as TIC em função da idade, habilitações literárias e meio de residência. Por outro lado, é de salientar que os pais com o Ensino Superior revelam uma percepção mais favorável ou de maior concordância sobre a utilização das tecnologias, comparativamente, aos pais com Ensino Secundário. Destaca-se que as TIC não modificaram negativamente as rotinas e momentos de convívio das famílias.

Palavras-chave: família, Tecnologias de Informação e Comunicação, dinâmicas familiares, percepção dos pais/cuidadores

ABSTRACT

The use of Information and Communication Technologies is increasingly common in family life, both for children and adults. They are increasingly present in family dynamics and in the different routines of life (e.g. at mealtimes, before going to bed, when socialising with family and friends). These technologies offer multiple possibilities for communication and expression and, as a result, children have been using these tools for learning and entertainment activities. In this context, this study, whose theme is: 'The impact of Information and Communication Technologies on family dynamics: perception of parents/carers', has the guiding objective of understanding how technologies affect family dynamics, considering the perception of parents/carers. The study is quantitative and non-experimental. A questionnaire survey was used as the data collection instrument. The convenience sample involved 53 parents/carers of children aged between 6 and 12 attending primary and secondary school. After analysing the data, the main results show that ICT does not seem to have a negative influence on family dynamics, since there were no significant differences in parents' perceptions of ICT according to their age, educational level or place of residence. On the other hand, it should be noted that parents with higher education have a more favourable perception of ICT. It was possible to emphasise that ICT has not negatively changed the families' routines and moments of conviviality.

Keywords: Family, Information and Communication Technologies, family dynamics, perception of parents/carers

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta da investigação desenvolvida no âmbito da dissertação de Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, da Escola Superior de Educação de Viseu, cujo tema é “O Impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Dinâmicas Familiares: Perceção dos pais/cuidadores”.

Esta investigação surge pelo facto de as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) estarem cada vez mais presentes no quotidiano das famílias. Dado que a família é a base absoluta para as crianças, é importante investigar quais os impactos que as TIC podem ter nas dinâmicas das famílias nos dias de hoje, o que se perde e o que se ganha com um uso mais frequente das TIC.

As crianças e jovens de hoje nasceram e cresceram rodeados por diversos tipos de tecnologias, que interferem na sua formação como indivíduos e nas suas relações interpessoais. Desta maneira, a utilização das TIC exerce influência nos vários aspetos da vida dos indivíduos integrantes de uma sociedade, seja no trabalho, no lazer e sobretudo nas dinâmicas familiares.

Devido aos rápidos avanços tecnológicos e da inclusão das TIC no contexto familiar, tem-se assistido a mudanças sem precedentes no funcionamento familiar (Carvalho et al., 2015).

O crescimento da tecnologia na sociedade de hoje, que é cada vez mais digital na área da informação, comunicação, relações sociais, lazer, educação, economia, entre outras, potenciando uma revolução nas famílias (Patrão et al., 2016).

De acordo com os mesmos autores, nos estudos pioneiros de Ogburn e Nimkoff (2010, citados por Patrão et al., 2016) no livro *Technology and Changing Family*, existem efeitos na relação de um casal e na vida familiar devido à mudança tecnológica da sociedade provocando alterações na estrutura familiar, uma vez que priva a família de realizar atividades designadas mais tradicionais.

Neste contexto, esta dissertação assume como objetivos orientadores: perceber as rotinas /dinâmicas das famílias nos dias de hoje; analisar os hábitos das crianças na fase final do dia, quando regressam a casa; compreender a perceção dos pais/ cuidadores face ao uso de dispositivos móveis; conhecer os hábitos das crianças em relação à utilização das TIC; conhecer as atividades que as famílias realizam em conjunto nos seus tempos

livres; conhecer a opinião de pais/cuidadores sobre as vantagens e desvantagens da utilização das TIC pelas crianças.

A presente dissertação de mestrado está organizada em dois capítulos. O capítulo I é referente ao enquadramento teórico, encontrando-se estruturado em três tópicos, a saber: 1. Dinâmicas relacionais nos contextos familiares; 2. Tecnologias de Informação e Comunicação e 3. A influência das tecnologias nas relações nos sistemas familiares. O Capítulo II diz respeito ao estudo empírico, integrando a contextualização do estudo, a metodologia e a apresentação e discussão dos resultados.

1. DINÂMICAS RELACIONAIS NOS CONTEXTOS FAMILIARES

1.1. FAMÍLIA(S) NUMA PERSPETIVA SISTÉMICA

A família é uma unidade grupal na qual se desenvolvem três tipos de relações: aliança (casal), filiação (pais/filhos) e fraternidade (irmãos) (Osório, 2011).

No que concerne ao núcleo familiar, assistimos nos dias de hoje a uma profunda mudança nas formas de viver e pensar as relações (Pinto, 2014).

Ao analisar a família numa perspetiva sistémica e comunicacional não podemos deixar de ter em conta que nas últimas décadas a noção de família tem vindo a adquirir um conceito muito mais vasto, porque as novas tendências e configurações familiares têm permitido novas conceções de família e da organização da vida dos seus membros, sendo valorizada, por alguns, nos seus hábitos tradicionais, e por outros, no seu progresso moderno (Dias, 2011).

1.2. FUNCIONAMENTO DA(S) FAMÍLIA(S) E RELAÇÕES FAMILIARES

As relações familiares têm um impacto significativo no bem-estar de todos os elementos da família, especialmente das crianças. Conhecer e compreender o funcionamento familiar e analisar a sua dinâmica e relações com o bem-estar infantil é crucial para desenhar intervenções e políticas familiares adaptadas às necessidades das famílias.

No sentido de compreender o funcionamento familiar, alguns autores propuseram modelos explicativos que integravam a compreensão da forma como os membros da família se interligam emocionalmente e o seu comportamento (Carvalho et al., 2015). Minuchin (1974, citado por Carvalho et al., 2018) propôs um esquema conceptual do funcionamento familiar considerando a família como um sistema social aberto e em constante transformação, passando por um conjunto de etapas que permitem que a mesma se desenvolva e reestruture. A família deverá adaptar-se às circunstâncias mantendo a sua organização e continuidade, permitindo que os seus membros cresçam psicossocialmente (Minuchin, 1974, citado por Carvalho et al., 2018).

De acordo com Dias (2011), independentemente do modelo de família, ela constitui-se sempre como um conjunto de pessoas que formam uma unidade social, como um todo sistémico onde se estabelecem relações entre os seus membros e o meio exterior. Compreende-se que a família constitui um sistema dinâmico, contendo outros

subsistemas que desempenham funções importantes na sociedade, como por exemplo, o afeto, a educação, a socialização e a função reprodutora.

O sistema familiar não tem necessariamente um estatuto fixo, pois o ciclo vital da família sofre mudanças ao longo da vida familiar com o nascimento dos filhos e seu desenvolvimento ao longo da vida (Dias, 2011).

A família constitui para a criança e, posteriormente, para o adolescente, um contexto privilegiado para o seu desenvolvimento sócio afetivo, uma vez que é através das aprendizagens realizadas no seu seio e das experiências ali vividas, que adquirirá competências para lidar com o mundo social à sua volta. Efetivamente, é no núcleo familiar que a criança encontra um meio privilegiado para aprender e experimentar as relações com os outros (Morgado, 2010).

2. TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

2.1. CONCEPTUALIZAÇÃO E TIPO DE TECNOLOGIAS

A era digital, o mundo virtual, são alguns dos diversos termos atribuídos às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como: computadores, telemóveis e internet. Estes dispositivos fazem parte do quotidiano das famílias com filhos adolescentes e proliferam de forma veloz (Wagner et al., 2009, citados por Neumann & Missel, 2019). Estão a revolucionar a maneira como as pessoas se comunicam, pesquisam, trocam informações, se socializam e adquirem conhecimentos, o que se carece de tempo para absorvê-las e dominá-las (Neumann & Missel, 2019).

2.1.1. DISPOSITIVOS MÓVEIS

Decorrente dos rápidos avanços tecnológicos e da inclusão das TIC no contexto familiar, tem-se vindo a assistir a mudanças sem precedentes no funcionamento familiar (Carvalho et al., 2015). Atualmente, é improvável não se utilizar o telemóvel para avisar um filho de que chegaremos mais tarde ao seu encontro ou abdicarmos de estabelecer contacto com familiares através de videoconferência.

Os dispositivos móveis têm o potencial de transformar a educação, proporcionando mobilidade, interatividade, colaboração e encorajamento aos alunos. No entanto, o seu uso deve ser cuidadoso e bem planeado, levando em consideração os desafios e as necessidades específicas de cada contexto escolar (Dourado et al., 2024).

Este tipo de dispositivos podem ser uma ferramenta poderosa para a pesquisa e acesso a informações, permitindo, assim que os alunos tenham acesso a uma variedade de recursos educacionais. Podem ainda facilitar a comunicação e a colaboração entre alunos e professores, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e envolvente (Dourado et al., 2024).

Neste sentido, um estudo realizado por Kukulska-Hulme et al. (2011) constatou que a utilização de dispositivos móveis pode melhorar a qualidade da aprendizagem, aumentando o envolvimento dos alunos e aprofundando sua compreensão dos conteúdos.

2.1.2. REDES SOCIAIS E JOGOS ONLINE

A carência de momentos de entretenimento do ser humano estabeleceu-se como uma necessidade desde os tempos primordiais. A importância do jogo no desenvolvimento do indivíduo é incontestável, desde os primeiros anos de vida, enquanto ferramenta de estimulação e de aprendizagem, até à idade adulta onde, por vezes, serve até em propósitos terapêuticos, como por exemplo para diminuir o impacto de situações de demência ou Alzheimer (Faria & Rodrigues, 2019).

De acordo com Faria e Rodrigues (2019), o aparecimento dos videojogos surgiu há muitos anos, meados dos anos 50, contudo a última grande revolução no campo dos videojogos deu-se a partir da década de 2010, com o surgimento de dispositivos móveis de alto rendimento, como são exemplo os smartphones e os tablets. Estas plataformas, que rapidamente conquistaram um lugar no mercado dos acessórios e também no campo do entretenimento, assistiram a um forte investimento e procura, tornando-se os dispositivos eletrónicos que mais penetraram nas famílias, transformando-se assim em plataformas acessíveis à generalidade dos utilizadores.

Com o passar dos anos, ocorreu a possibilidade de ligar computadores e consolas à internet, o que acarretou uma nova realidade aos videojogos. A possibilidade de jogar com outros jogadores e não apenas contra uma experiência de inteligência artificial que, após várias tentativas de treino, se torna previsível e repetitiva. Esta parece ser uma das características presentes na maioria de casos clínicos reportados. Assim sendo, parece que a experiência interativa com outros jogadores online traz uma componente de risco ao campo dos videojogos que até ao momento não parecia existir, que se verifica pela constante presença dos utilizadores junto dos dispositivos móveis (Faria & Rodrigues, 2019).

Assim, a disseminação da tecnologia nas últimas décadas, especificamente, o surgimento dos jogos online e das plataformas de redes sociais sucedeu na modificação do estabelecimento de relações interpessoais. O uso desses novos meios de comunicação gerou impacto no cotidiano dos indivíduos, dando origem a um universo diferente de experiências, mediadas pelos processos tecnológicos (Cardoso et al. 2019).

O aparecimento de novas tecnologias, nomeadamente, as redes sociais, acarretou não só inúmeras vantagens para a sociedade contemporânea em várias áreas (e.g., educação, negócios, saúde, socialização), mas também desvantagens. De uma forma positiva as redes sociais podem funcionar como ferramentas valiosas para os profissionais, uma vez que permitem aos jovens profissionais demonstrar as suas habilidades e a procurar oportunidades de negócios (Akram & Kumar, 2017). Neste sentido, as redes sociais também podem ser utilizadas para *networking* de forma eficiente. Por outro lado, a internet está repleta de riscos associados às comunidades online. O cyberbullying, que corresponde a um tipo de assédio perpetrado por meio tecnológico, constitui um dos maiores riscos das redes sociais (Akram & Kumar, 2017).

Apesar dos riscos que as novas tecnologias acarretam, as crianças e jovens utilizam-nas com frequência, propiciando a emergência de mudanças na sociedade de informação (Montenegro, 2010, citado por Rio, 2021). Os jovens são percecionados como indivíduos que podem contribuir para alterar a sociedade e os seus processos, e não como simples sujeitos passivos.

2.2. BENEFÍCIOS, DIFICULDADES E DIMENSÃO ÉTICA DAS TECNOLOGIAS

As TIC abrangem uma vasta gama de ferramentas, sistemas e plataformas gerados para facilitar a troca de informação à distância. Estes mecanismos incluem não só dispositivos físicos como smartphones, tablets e computadores, mas também softwares e aplicações como e-mail, redes sociais, mensagens instantâneas e ferramentas de videoconferência (Walther, 2012). Nas últimas décadas, estas tecnologias têm sofrido rápidos avanços, alterando significativamente o panorama da comunicação pessoal e profissional. A proliferação da internet, das redes móveis e das plataformas digitais revolucionou a forma como as pessoas se ligam, partilham informação e mantêm as relações. Estes desenvolvimentos tecnológicos tiveram implicações profundas na dinâmica familiar, influenciando a forma como os membros das famílias interagem, se apoiam mutuamente e mantêm relações apesar das separações físicas (Walther, 2012).

O aparecimento das tecnologias de comunicação também influenciou as práticas parentais e o desenvolvimento infantil. Os pais/cuidadores têm, neste momento, acesso a uma grande quantidade de informações e recursos que apoiam no exercício das funções parentais através de sites, blogues e fóruns online. O acesso a estes conteúdos permite capacitar os pais/cuidadores de conhecimento e apoio, aumentando a sua confiança e eficácia nas suas práticas parentais (Radesky & Christakis, 2016). Por sua vez, as TIC permitem acordos de trabalho mais flexíveis, permitindo aos pais/cuidadores equilibrar o trabalho e as responsabilidades familiares de forma mais eficaz. Contudo, o uso excessivo de dispositivos digitais por quem exerce as funções parentais pode levar a uma diminuição da qualidade das interações com os filhos, impactando negativamente a relação entre pais e filhos. As crianças também estão cada vez mais expostas a dispositivos digitais e mais precocemente, o que pode afetar o seu desenvolvimento social e as interações familiares (Radesky & Christakis, 2016).

De acordo com Patrão et al. (2016), pais/cuidadores afirmam que as tecnologias são benéficas para o desenvolvimento das crianças, pois proporcionam um raciocínio mais rápido e o desenvolvimento da memória e motricidade, sendo também uma ferramenta para aceder à informação conectando as crianças com o mundo. Neste sentido, pais/cuidadores defendem que o acesso à internet através das TIC facilita a pesquisa de informação, o que se torna muito útil para os trabalhos escolares. Tendo em conta a evolução da sociedade, os pais/cuidadores consideram que é impossível as crianças ficarem excluídas ou à margem da utilização das tecnologias.

Por sua vez, os pais/cuidadores acabam por encontrar pontos menos positivos na utilização das tecnologias, uma vez que as crianças e jovens podem visualizar conteúdos impróprios para as suas idades, como por exemplo imagens chocantes e conteúdos violentos (Patrão et al., 2016).

Assim, dada a amplitude da utilização das TIC, é importante que os pais possam obter alguma literacia digital. Esta revela-se um elemento importante quando se fala das TIC, pois estas suscitam um conjunto de preocupações acerca dos conhecimentos e competências que pais e filhos devem ter sobre como usar essas tecnologias. Entre essas preocupações, evidencia-se o *sharenting* (a partilha de conteúdos dos filhos online, pelos pais), a partilha de conteúdos sobre as crianças por instituições (e.g., escolas, municípios e freguesias) e as partilhas realizadas pelas próprias crianças em media sociais como o Facebook ou Instagram. A partir de estudos mais amplos sobre parentalidade digital, pretende-se ainda refletir sobre a importância da literacia digital parental, mitos e

realidades associadas. Na atualidade, emerge uma dupla responsabilidade por parte dos pais, a de vigiar e, eventualmente, controlar o comportamento dos filhos online, mas também os próprios comportamentos online. Neste processo, importa também ter em consideração e refletir até que ponto o direito das crianças à privacidade é colocado em causa (Barnes & Potter, 2020).

3. A INFLUÊNCIA DAS TECNOLOGIAS NAS RELAÇÕES NOS SISTEMAS FAMILIARES

As TIC facilitam e melhoram a comunicação, por exemplo através das redes sociais e das mensagens instantâneas, permitindo às famílias a capacidade de comunicarem à distância. Por sua vez, pode reduzir as interações presenciais ou até mesmo levar a uma maior dependência do uso da tecnologia (Abdullahi et al., 2025).

A tecnologia e a digitalização influenciaram muito o sistema familiar e cultural. Os valores familiares e as abordagens de socialização também estão a mudar nas últimas décadas devido ao avanço dos meios de comunicação (Shahid & Tasgheer, 2021).

De acordo com Patrão et al. (2016), “o crescimento da tecnologia na sociedade de hoje, que é cada vez mais digital em todas as suas áreas (informação, comunicação, relações sociais, lazer, educação e economia, entre outras), está a criar uma nova revolução nas famílias” (p.133). Neste sentido, questionamo-nos qual será o impacto da utilização das TIC ao longo do ciclo de vida das famílias.

Patrão et al. (2016) referem que muitos pais demonstram receio no que diz respeito à dependência das tecnologias. Assumem o medo de que os seus filhos fiquem subordinados à utilização destes dispositivos, referindo-se principalmente ao *tablet* ou ao computador. Os pais acreditam que esta questão da dependência afeta negativamente o convívio social das crianças, uma vez que estas preferem ficar em casa no *tablet* ou no computador, em vez de irem brincar para o exterior da residência familiar.

Com o desenvolvimento das tecnologias, existem ganhos e perdas no contexto familiar. De acordo com Pigeron (2009, citada por Villegas, 2013), na sua investigação sobre as estratégias de socialização familiar e envolvimento das crianças nas TIC, já não são frequentes os tradicionais serões à volta da mesa da família e a contar histórias, salientando que os meios de comunicação influenciam os relacionamentos e a dinâmica familiar. Contudo, de acordo com Hughes e Hans (2001, citados por Villegas, 2013) “temos provas limitadas sobre as formas como estas tecnologias de comunicação estão a alterar as relações familiares” (p. 790).

De acordo com o estudo de investigação realizado por Villegas (2013), foi possível verificar a interferência dos media durante as refeições em família, o que pode prejudicar as interações e o desenvolvimento do sistema familiar. As rotinas das refeições e de outras atividades em família constituem momentos importantes para os adultos, especialmente, para o desenvolvimento das crianças. A presença de dispositivos móveis poderá provocar evasão das interações sociais, impedindo o envolvimento em diálogos entre os membros da família e, por conseguinte, relações fortes. No entanto, ver televisão em família poderá ter uma função social, promovendo, por isso, um impacto positivo no desenvolvimento familiar (Villegas, 2013).

3.1. DINÂMICAS FAMILIARES E TECNOLOGIAS

A dinâmica familiar refere-se aos padrões complexos de interações, relações, comportamentos e rotinas que ocorrem dentro de uma unidade familiar. Estas dinâmicas são influenciadas por uma variedade de fatores, incluindo normas culturais, estatuto socioeconómico, personalidades individuais e influências sociais externas. As dinâmicas familiares desempenham um papel crucial no bem-estar psicológico e desenvolvimento dos indivíduos, influenciando a saúde emocional, os comportamentos sociais e os resultados educacionais. A origem destas interações pode variar significativamente entre diferentes contextos culturais e geográficos (Kyalo, 2024).

A família contemporânea assume o desafio de integrar a presença de tecnologias no ambiente familiar, sendo que ganham mais recursos e espaço nas relações parentais (Neumann & Missel, 2019).

Desde o nascimento do primeiro filho à sua entrada na escola, a família passa por um conjunto de reorganizações, sobretudo, através da definição de papéis parentais/filiais e do reajustamento de limites do novo sistema familiar face ao exterior (Relvas, 1996). Desta forma, se às novas tarefas que se colocam ao sistema familiar forem adicionadas as TIC, os resultados parecem ser mais complexos, pois as famílias com crianças são consideradas mais tecnológicas, encontrando-se mais conectadas, do que famílias que não têm filhos (Dias & Brito, 2016).

Um estudo de investigação realizado na Lituânia em 10 famílias com crianças de 2 a 13 anos e seus pais, revelou que a maioria das crianças utiliza tecnologias online todos os dias, mas o seu envolvimento com as tecnologias é substancialmente influenciado pelas atitudes parentais face às mesmas (Liubiniené & Kasperaviciené, 2019). Neste

sentido, as crianças percebem as tecnologias online como entretenimento, relaxamento, ou algo lúdico, sendo que a sua utilização é mediada pela opinião dos pais sobre a utilização das tecnologias pelos seus filhos (Liubiniené & Kasperaviciené, 2019).

A predominância de tecnologias digitais móveis na vida diária dos indivíduos pode influenciar diferentes dimensões da sua vida, em particular, a vida em família pode ser afetada pela presença de telemóveis, tablets e demais dispositivos móveis, quase sempre de maneira prejudicial ou negativa (Thomazini & Goulart, 2018).

Segundo Pedroso e Bonfim (2017), nos últimos anos, a sociedade tem vivido grandes mudanças no que concerne à família, nomeadamente, no que concerne à utilização intensiva e excessiva da tecnologia, principalmente com o uso exagerado das redes sociais. Estes excessos podem influenciar o convívio entre pais e filhos. Nos dias de hoje, percebemos a ausência dos pais na vida dos filhos, mesmo estando presentes fisicamente na mesma casa, pois cada um está com seu aparelho tecnológico, o que poderá originar maior distanciamento familiar (Pedroso & Bonfim, 2017).

A crescente utilização de ferramentas de comunicação digital constitui uma tendência partilhada, o que poderá influenciar a forma como os membros da família interagem entre si, se relacionam e cumprem os seus papéis dentro do sistema familiar. Embora a tecnologia ofereça oportunidades para uma maior conectividade, também apresenta desafios ao nível dos convívios presenciais e o surgimento de divisões digitais. Compreender estes desafios requer uma compreensão diferenciada dos contextos socioeconómicos e culturais das famílias (Thompson & Goodman, 2019). O impacto das tecnologias de comunicação na dinâmica familiar é multidimensional, com implicações positivas e negativas. Entre os aspetos positivos, a tecnologia pode facilitar uma melhor comunicação e enriquecer laços entre os membros da família, especialmente aqueles que vivem separados, por exemplo, as videochamadas e as plataformas de redes sociais permitem que as famílias se mantenham ligadas e partilhem experiências em tempo real, promovendo uma sensação de proximidade apesar da distância física. Em contrapartida, como aspetos negativos surge, o tempo excessivo disponibilizado e as distrações digitais, podendo originar uma diminuição da qualidade das interações presenciais e potenciais conflitos nas dinâmicas familiares. Neste sentido, o equilíbrio entre a utilização de tecnologias e as formas tradicionais de comunicação é essencial para manter dinâmicas familiares mais saudáveis, o que constitui um desafio para pais/cuidadores (Fosco & Grych, 2013).

O uso dos média por parte das crianças na primeira infância é cada vez mais comum, sendo necessário investigar a quantidade de tempo que as crianças se encontram expostas aos ecrãs. Este indicador é entendido como o tempo total de exposição infantil, incluindo televisão e dispositivos móveis (Nobre et al., 2021).

No que concerne ao tempo de ecrã, a Organização Mundial de Saúde (OMS) é clara e não recomenda qualquer tempo sedentário em contacto com ecrãs, em crianças com um ano. As crianças entre os 2 e os 5 anos não devem estar em contacto com as tecnologias mais de uma hora e quanto menos melhor (OMS 2019). Em dezembro de 2019, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) publicou um Manual de Orientações intitulado “Menos telas Mais saúde”, que alarga as orientações sobre a utilização das TIC a outras faixas etárias. Entre as principais orientações, destacam-se as seguintes: evitar a exposição de crianças com menos de 2 anos aos ecrãs; limitar o tempo de contacto com a tecnologia a um máximo de uma hora por dia, sempre com supervisão, para crianças com idades entre os 2 e os 5 anos; restringir a uma ou duas horas por dia a exposição a dispositivos digitais para crianças entre os 6 e os 10 anos, sempre com supervisão e limitar o tempo a duas ou três horas por dia a jovens entre os 11 e os 18 anos, com supervisão.

No estudo realizado por Rideout et al. (2010, citados por Villegas, 2013), verificou-se que os jovens dos 8 aos 18 anos passam em média 7,5 horas por dia, sete dias por semana em contacto com os ecrãs. Estes autores não consideram um indicador surpreendente, uma vez que quase todas as nossas atividades quotidianas envolvem o uso de dispositivos tecnológicos.

Contudo, independentemente da relação que os pais estabelecem com as TIC é importante que estes balizem o uso dos ecrãs dentro e fora de casa. Educar numa sociedade onde reina a informação é importante ensinar os mais jovens a utilizar o seu dispositivo eletrónico, ou seja, é necessário educar para que se utilize esta ferramenta de forma responsável, ética e segura (Patrão et al., 2016).

É de ressaltar que os pais que estão familiarizados com as TIC permitem que as crianças desenvolvam uma relação mais estreita e controlada com o mundo digital. Por outro lado, os pais infoexcluídos, ou seja, que não dominam ou têm apenas um contacto mínimo com as TIC exercem um menor controlo e supervisão do uso das tecnologias por parte das crianças (Patrão et al., 2016).

Nesta área de investigação, uma das linhas de pesquisa que relaciona a utilização excessiva da tecnologia com o desenvolvimento infantil está focada na associação com distúrbios do sono. O sono desempenha um papel fulcral no desenvolvimento da criança,

sendo que os hábitos e distúrbios do sono estão entre os aspetos que um pediatra precisa avaliar, pois podem ter um impacto negativo no desenvolvimento (Brezmes et al., 2023).

Segundo Souza et al. (2020), no ambiente familiar, a televisão está presente na maioria das famílias, pelo que os momentos de descanso podem ser dedicados a atividades sedentárias, substituindo as atividades de lazer que impliquem maior esforço físico. As declarações sobre a vida familiar e o comportamento ativo dos pais, através das atividades familiares, são incentivos a um estilo de vida ativo que, além de melhorar a saúde, promove as relações interpessoais. Neste sentido, é importante desenvolver a literacia digital para pais/cuidadores para que estes possam regularizar a utilização dos dispositivos móveis.

As experiências em família constituem os fatores básicos para o desenvolvimento de uma criança. Vivenciar momentos positivos e ter uma relação positiva com a família são fatores protetores no que concerne à utilização excessiva das tecnologias. Desta forma, uma família que constitua um bom suporte social e exerça um acompanhamento efetivo do desenvolvimento das crianças e jovens diminuirá a probabilidade de um maior isolamento e refugio nas tecnologias, potenciando as suas interações sociais, não se restringindo a relações através de ecrãs (Patrão et al., 2016). Assim, todas as atividades que a família desenvolva para aumentar a sua coesão e proximidade, sem a tecnologia, terão um impacto muito positivo e direto, naquilo que é o suporte social para os mais novos.

De acordo com Patrão et al. (2016), os pais deverão ter consciência de que são modelos para as crianças e como tal, têm de ser os primeiros a controlar a utilização das tecnologias, de modo a transmitir às crianças o limite de tempo que estas devem ter no contacto com as tecnologias.

Num estudo realizado pela *American Speech-Language-Hearing Association* (ASHA), em 2015, em que foram entrevistados 1000 pais de crianças dos 0 aos 8 anos, concluiu-se que 24% das crianças com 2 anos de idade e 45% das crianças com 8 anos utilizavam *tablets* na hora da refeição, diminuindo, assim, as interações e a comunicação com os pais ou cuidadores. É de salientar que mais de metade dos pais inquiridos afirmou que usava a tecnologia para ocupar/distrair os filhos, prevenindo birras e comportamentos desajustados (Patrão et al., 2016).

3.2. O TÉCNICO DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL NA MEDIAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS EM CONTEXTOS FAMILIARES

Perante a frequente utilização das TIC, torna-se determinante refletir sobre a importância e contributo da intervenção do técnico psicossocial, proporcionando planos e estratégias de ação junto das famílias, de modo que a utilização das TIC se torne um benefício, ao invés de se constituir como um fator nefasto, evitando que o seu uso excessivo provoque quebras nas rotinas de socialização entre os diferentes subsistemas familiares.

Na atualidade, as crianças evidenciam muitas habilidades na utilização diária de tecnologias, constituindo um fenómeno cada vez mais precoce. O técnico psicossocial deve estar atento a este uso das TIC e ver até que ponto o mesmo não se torna abusivo ao ponto de causar danos e dependência a quem o utiliza. Com este intuito, é importante promover sessões de formação em literacia digital para que exista um maior conhecimento sobre as TIC e suas funcionalidades (Patrão et al., 2016).

Face ao exposto, o técnico psicossocial deve informar sobre os benefícios e desvantagens da utilização das TIC, aconselhando e indicando alternativas, para que a utilização de dispositivos móveis se torne mais saudável. É importante que as crianças utilizem as tecnologias como meio de aprendizagem, adquirindo novos conhecimentos e, adicionalmente, possam ter algum entretenimento. Neste processo, é essencial mediar o tempo em que a criança se encontra em contacto com as TIC para que não surjam sintomas como, dificuldades no desempenho escolar, físico ou mental, ansiedade, falta de concentração, dificuldades no sono (Marques et al., 2019).

A associação entre a exposição a ecrãs e o diagnóstico de perturbações do sono é um campo de investigação em crescimento, sendo que as evidências sugerem que possa existir uma potencial associação entre a utilização de telemóveis/tablet/computador e as horas de dormir mais tardias (Brezmes et al., 2023).

O Técnico Superior de intervenção psicossocial tem o papel de sensibilizar as famílias para uma utilização mais sustentável das tecnologias, através de ações de sensibilização e informação, sugerindo às famílias atividades ao ar livre e de contacto com a natureza, que promovem a prática de atividade física, em contraste com os efeitos nefastos da permanência em frente às tecnologias, desenvolvendo estilos de vida mais sedentários.

Assim, é importante que o técnico mostre que a utilização das TIC pode ser necessária, por vezes, para a realização de trabalhos escolares e também pode ser um meio

de entretenimento; contudo, as famílias devem estar conscientes de que estes dispositivos podem causar diversos problemas para a criança.

A elevada prevalência do tempo excessivo frente ao ecrã e a sua associação com dificuldades em funções cognitivas entre os jovens, deve constituir uma preocupação dos profissionais de saúde pública, educadores, pais, médicos, decisores políticos e investigadores, de modo a delinarem intervenções especificamente focadas na redução do tempo recreativo das tecnologias entre os jovens. Embora os media digital e a tecnologia ofereçam benefícios educacionais e sociais para os jovens, esses benefícios dependem da duração, do conteúdo, do tipo e da finalidade do uso das TIC (Yolanda et al., 2018).

Perante o exposto, o profissional psicossocial trabalha como mediador sociopedagógico no contexto da relação família, escola e comunidade local, como forma de evitar os efeitos mais nefastos do uso excessivo e desadequado dos dispositivos móveis (Canastra & Malheiro, 2009).

CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

No presente capítulo, constam os aspetos metodológicos que caracterizam a investigação. Primeiramente, apresenta-se a formulação do problema, os objetivos e as hipóteses de investigação; posteriormente, descreve-se a metodologia utilizada, a caracterização da amostra, os instrumentos de recolha de dados, os procedimentos e técnicas de tratamento e análise de dados.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO

Quando se inicia uma investigação é essencial, antes de tudo, formular um problema para o qual pretendemos obter uma resposta concreta. Partindo do enquadramento teórico desenvolvido no primeiro capítulo percebemos que as tecnologias estão cada vez mais presentes na vida das famílias e são adquiridas pelas crianças cada vez mais cedo (Rio, 2021).

Desta forma, delineou-se como questão-problema da presente investigação a seguinte: *Qual a perceção de pais/cuidadores sobre o impacto das TIC nas dinâmicas familiares?*

Segundo Reis (2010), para responder a uma questão de investigação é fundamental a formulação de hipóteses. Neste sentido, as hipóteses de investigação são previsões que o pesquisador realiza sobre a relação que existe entre as variáveis. Pode dizer-se que são estimativas numéricas de valores da população baseados em dados coletados em amostras (Creswell, 2007).

Creswell (2007) refere que “o teste de hipóteses emprega procedimentos estatísticos nos quais o investigador faz inferências sobre a população a partir de uma amostra de estudo. As hipóteses geralmente são usadas em estudos experimentais nos quais os investigadores comparam grupos” (p. 120).

Para o efeito, foram elaboradas as seguintes hipóteses de investigação (H) que se pretendem confirmar.

H1- Existem diferenças significativas na perceção dos pais sobre o impacto das TIC nas dinâmicas familiares, em função das habilitações literárias.

H2- Existem diferenças significativas ao nível das preocupações dos pais/ cuidadores com os riscos associados ao uso das TIC pelos filhos, em função das habilitações literárias.

H3 - Existem diferenças significativas na percepção dos pais/ cuidadores sobre os benefícios das TIC para fins educativos, em função da idade dos pais/ cuidadores.

H4 - Existem diferenças significativas na percepção dos pais/ cuidadores sobre o impacto negativo das TIC nos momentos de convívio familiar, em função da zona de residência da família.

2. METODOLOGIA

A fase da metodologia é muito importante para o desenrolar da investigação, pois é neste momento que se define a forma como a investigação vai ser elaborada e que possibilita a obtenção de respostas. Depois de delineada a investigação deve-se proceder à classificação da população em estudo, bem como dos métodos e tipo de estudo (Fortin, 2009).

2.1. TIPO DE ESTUDO

Neste sentido, após a elaboração da questão-problema e hipóteses a investigar, a partir da amostra do estudo, procedeu-se à elaboração do design de investigação, optando-se por um estudo de natureza quantitativa, não experimental.

Segundo Gunther (2006) a investigação quantitativa apresenta algumas características que permite ao investigador ter um maior controlo sobre o contexto em estudo, interagir com o objeto de estudo com neutralidade e com objetividade e analisar os dados através da linguagem matemática com o objetivo de explicar os fenómenos através de análises estatísticas. Por sua vez, Ribeiro (2010) afirma que os estudos desta natureza caracterizam-se por se expressarem através de números que representam uma contagem, uma medição ou um cálculo e que permitem desta forma, obter informação acerca do estudo atual dos fenómenos e conhecer uma situação tal como ela existe no momento do estudo. Também Almeida e Freire (2008) referem que a abordagem quantitativa tem como intuito explicar, predizer e controlar os fenómenos procurando regularidades e leis, através da objetividade dos procedimentos e da quantificação das medidas. Tem como principais objetivos, descrever a distinção das entidades pelos diversos valores das variáveis e/ou descrever ou examinar relações entre variáveis.

O presente estudo é de natureza não experimental, o que significa que a abordagem de pesquisa científica se caracteriza pela observação e análise de fenómenos sem a manipulação direta de variáveis independentes. Nessa metodologia, o pesquisador atua como observador, registando eventos ou comportamentos conforme ocorrem naturalmente, sem intervenções controladas (Coutinho, 2018).

2.2. PARTICIPANTES

Os participantes constituem a população que irá caracterizar a amostra do estudo de investigação (Marôco, 2018). A amostra caracteriza-se como um conjunto de indivíduos, objetos ou resultados experimentais acerca do qual se pretende estudar alguma característica comum. Segundo Vieira, (2008), a amostragem define-se como um processo pelo qual se obtém de informação sobre um todo, examinando apenas uma parte, ou seja, quando se pretende descobrir algo sobre determinada população ou universo estudando apenas uma parte desta. Por outras palavras, a amostragem é o processo de escolha de uma parte da população a ser estudada.

Na presente investigação recorreu-se ao método de amostragem não-probabilística, acidental ou por conveniência, sendo este “um procedimento segundo o qual cada elemento da população não tem uma probabilidade igual de ser escolhido para formar a amostra” (Fortin, 1999, p. 208). Neste sentido, os participantes desta investigação foram selecionados porque estavam prontamente disponíveis e constituíam o público-alvo a que se destina o estudo. O método de amostragem por conveniência representa uma maior facilidade operacional, contudo tem como desvantagem a incapacidade de se poderem realizar afirmações gerais com rigor estatístico sobre a população, o que leva a que os resultados da investigação apenas se possam atribuir apenas à amostra (Quivy & Campenhoudt, 2018).

2.2.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra deste estudo, selecionada por conveniência, é constituída por 53 participantes, pais/ cuidadores, com uma média de idades correspondente a 40.83 (± 4.937 DP) (Tabela 1).

Tabela 1.

Estatística descritiva da idade dos Pais/cuidadores

	Idade
N	53
M	40.83
Md	41.00
DP	4.937
Mín.	29
Máx.	50

É possível verificar que 1.9% (n=1) dos pais/cuidadores frequentou apenas o Ensino Básico, 58.5% (n=31), o Ensino Secundário e 39.6% (n=21) o Ensino Superior (Tabela 2).

Tabela 2.

Estatística descritiva das Habilitações Académicas dos pais/ cuidadores

Habilitações Académicas	n	%
Ensino Básico	1	1.9
Ensino Secundário	31	58.5
Ensino Superior	21	39.6
Total	53	100.0

No que respeita às crianças integradas no presente estudo, 62.3% (n=33) eram do sexo feminino e 37.7% (n=20) do sexo masculino (Tabela 3).

Tabela 3.

Estatística descritiva sobre o sexo das crianças

Sexo	n	%
Feminino	33	62.3
Masculino	20	37.7
Total	53	100.0

A média de idades das crianças corresponde a 9.96 (± 1.68 DP) anos, sendo a idade mínima 6 anos e a máxima 12 anos (Tabela 4).

Tabela 4.

Estatística descritiva sobre a idade das crianças

	Idade
N	53
M	9.15
Md	9.00
DP	1.791
Mín.	5
Máx.	12

Pode verificar-se que 37.7% (n=20) das crianças frequentam o 2.º ano de escolaridade, 20.8% (n=11) o 5.º ano de escolaridade e 18.9% (n=10) o 3.º ano tornando-se os valores mais elevados desta análise. É importante referir que frequentam o 1.º ano 3.8% das crianças, 5.7% (n=3) encontra-se no 4.º ano e 13.2% (n=7) frequenta o 6.º ano (Tabela 5). Inclui-se no estudo uma criança de 5 anos, uma vez que se encontrava a frequentar o 1º ano do Ensino Básico (Tabela 5).

Tabela 5.
Estatística descritiva do ano de escolaridade das crianças

Anos de escolaridade	n	%
1.º ano	2	3.8
2.º ano	20	37.7
3.º ano	10	18.9
4.º ano	3	5.7
5.º ano	11	20.8
6.º ano	7	13.2
Total	53	100.0

É possível constatar que 69.8% (n=37) das famílias abrangidas por este estudo vivem em meio rural e 30.2% (n=16) em meio urbano (Tabela 6).

Tabela 6.
Estatística descritiva do Local de Residência das Famílias

Local de Residência	N	%
Meio rural	37	69.8
Meio urbano	16	30.2
Total	53	100.0

2.3. INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS

Para a realização desta investigação foi utilizada como técnica de recolha de dados, o inquérito por questionário. Segundo Vilelas, (2009) “os questionários são instrumentos de registo escritos e planeados para pesquisar dados de sujeitos, através de questões, a respeito do conhecimento, atitudes, crenças e sentimentos” (p. 287).

Os instrumentos de inquérito por questionário podem ser de carácter livre, fechado ou misto. No questionário livre, o participante questionado pode responder livremente e como entender, o que permite à pessoa questionada dar uma resposta livre e pessoal; no entanto, pode dar origem a respostas equívocas, contraditórias ou ilegíveis e difíceis de analisar e interpretar pela existência de muitas respostas possíveis. Por sua vez, o questionário fechado, é elaborado com um plano rígido, no qual a ordem das questões mantem-se constante e permite canalizar as respostas da pessoa inquirida para algumas categorias muito fáceis de interpretar. Por último, no questionário misto, as questões podem ser abertas e fechadas (Vilelas, 2009).

Deste modo, as questões abertas permitem que as pessoas inquiridas possam responder de forma livre sem se limitarem à escolha de apenas uma resposta. As principais vantagens destas questões são: a estimulação da cooperação, uma vez que permitem avaliar melhor as atitudes para análise das questões estruturadas, são muito úteis como primeira questão de um determinado tema porque deixam o inquirido mais à vontade, esclarecem alguns pontos das questões fechadas, proporcionam comentários, explicações e esclarecimentos significativos para a investigação (Vilelas, 2009).

Contudo, as questões fechadas restringem a resposta da pessoa inquirida, dado que só é possível escolher um número limitado de respostas possíveis. Dentro desta tipologia de questões, existem as de escolha múltipla, em que os inquiridos optam apenas por uma das opções e as questões dicotómicas, onde podem escolher duas opções de resposta, por exemplo: sim/não, verdadeiro/falso. Esta tipologia permite a facilidade de aplicação, processo, análise e rapidez no momento de responder. Apresentam, ainda, pouca possibilidade de erros e trabalham com diversas alternativas (Vilelas, 2009).

Assim sendo, o questionário apresenta algumas vantagens tais como, a garantia do anonimato, a apresentação de questões objetivas de fácil pontuação, questões padronizadas que garantem uniformidade, o período que é dado para o preenchimento permite que as pessoas pensem sobre as respostas, neste instrumento torna-se mais fácil a conversão dos dados para arquivos do computador e, ainda, apresenta um custo

razoável. Contudo como desvantagens, o questionário possui uma baixa taxa de respostas uma vez que a participação é de livre e espontânea vontade, torna mais difícil pontuar questões abertas e existe a possibilidade de ocorrerem respostas influenciadas. Este instrumento de inquérito é restrito a pessoas alfabetizadas e pode conter itens polarizados/ambíguos (McMillan & Schumacher, 1997).

Para este estudo foi construído um questionário original (Anexo B) constituído maioritariamente por questões de resposta fechada, onde se incluiu, ainda uma questão com o recurso a uma escala de tipo Likert, que é composta por um conjunto de afirmações onde se solicita ao inquirido que manifeste o seu grau de concordância, seguindo uma escala que vai desde o discordo totalmente até ao concordo totalmente (Cunha, 2007).

A escala tipo Likert tem como vantagens a sua simplicidade de construção que permite o uso de afirmações que não estão explicitamente ligadas à atitude estudada, a inclusão de qualquer item que se verifique, empiricamente, ser coerente com o resultado final, e ainda, a amplitude de respostas permitidas. Apresenta informação mais precisa da opinião do participante em relação a cada afirmação (Cunha, 2007).

Em suma, na presente investigação como técnica de recolha de dados foi elaborado um inquérito por questionário online e em formato de papel, constituído essencialmente por perguntas fechadas, sendo utilizada , ainda uma escala tipo Likert.

2.4. PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

Após a construção do inquérito por questionário procedeu-se ao contacto via email, com o Diretor do Agrupamento de Escolas como forma de solicitar autorização por escrito (Anexo A) para a aplicação dos questionários aos encarregados de educação das crianças incluídas no intervalo de idades pretendido. Dada a autorização e por sugestão do diretor, foi enviado o link do questionário (https://docs.google.com/forms/d/101740_tizy_CuUMeUzZzhIwwiPlyxnRWsDjiFp97ATI/prefill) para os professores titulares e diretores de turma dos diferentes anos de escolaridade para que, através dos contactos de email, fizessem chegar o questionário aos encarregados de educação e este fosse preenchido de forma online. Este instrumento foi enviado para os encarregados de educação no início do mês de março de 2024 com prazo de preenchimento até final de abril. Chegada esta data, como havia ainda um número reduzido de respostas submetidas, prolongou-se o prazo de submissão e voltou-se a solicitar o preenchimento através dos professores e diretores de turma.

Mesmo com este prolongamento, no final de maio de 2024, apenas se verificavam 35 submissões. Assim, recorreu-se novamente ao contacto com o diretor do agrupamento com o objetivo de solicitar a aplicação dos questionários em papel. Para não se tornar dispendioso, o diretor sugeriu a aplicação em duas salas do 2.º ano de escolaridade.

Desta forma, a 24 de junho de 2024, foram aplicados os questionários em contexto de sala para as crianças entregarem aos pais. No dia seguinte, procedeu-se à recolha dos mesmos e juntamente com as respostas efetuadas através do *google forms* contabilizou-se um total de 53 questionários preenchidos.

Neste instrumento de inquérito por questionário encontrava-se inserido o consentimento informado livre e esclarecido, com a informação relativa ao enquadramento do estudo e sua explicação, condições de preenchimento, confidencialidade e anonimato.

Seguidamente à recolha dos questionários, os dados foram inseridos num ficheiro de excel e importados para a base de dados *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS* para se proceder à análise de dados.

A análise de dados foi a etapa seguinte à recolha dos dados, sendo analisada e interpretada a informação recolhida, de modo a encontrar respostas ao problema de investigação delineado no início da investigação (Gil, 2002).

Para dar resposta ao objetivo e hipóteses formuladas neste estudo, recorreu-se a técnicas estatísticas descritivas e inferenciais. Nomeadamente, através de uma análise descritiva exploratória que permitiu entender de uma forma simples o perfil dos inquiridos e explorar alguma informação sobre as variáveis em análise, com a obtenção de frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central e de dispersão.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, irá proceder-se à apresentação e discussão dos resultados. Procura-se desta forma, dar resposta à questão problema definida e aferir sobre a confirmação das hipóteses delineadas no início da investigação.

Os resultados que se vão apresentar e discutir neste capítulo assentam nas respostas ao inquérito por questionário, dos 53 participantes que responderam *online* e em formato de papel dando o seu parecer no que diz respeito à utilização das tecnologias por parte das crianças.

3.1. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1.1. ANÁLISES DESCRITIVAS

Desta amostra, constituída por 53 famílias, constatou-se que 75.5% das crianças praticam atividades extracurriculares como: futebol, escutismo, natação, karaté, entre outros. Um dado que deve ser destacado é o facto de 92.5% das crianças ter contacto com as tecnologias. É importante destacar que 54.7% das crianças inseridas nestes agregados familiares não têm telemóvel próprio e que 47.2% das crianças utilizam as TIC acompanhadas por um adulto. As crianças presentes nas famílias inquiridas têm idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos, e dadas estas idades é de ressaltar que 64.2% destas não tem redes sociais.

No que toca às rotinas da família, as tecnologias estão presentes, mas em dias de escola os pais têm tido atenção ao tempo que as crianças passam em contacto com a tecnologia, uma vez que nesta investigação 58.5% das crianças passa menos de 1 hora em frente aos ecrãs. No que concerne ao horário das refeições os resultados obtidos são muito positivos, pois neste estudo 90.6% das crianças não tem contacto com o telemóvel durante este período. A mesma percentagem de crianças não utiliza telemóvel como meio para adormecer, dado este que transmite a imposição de regras nas rotinas e dinâmicas das famílias. Um aspeto estudado nesta investigação é o facto de 37.7% das crianças passar mais de 7 horas por semana em convívio com amigos e familiares

Na análise aos dados recolhidos da aplicação do questionário, especificamente, na questão 3.4: “Tem mais filhos?” é possível constatar que 81.1% (n=43) das famílias inquiridas é composta por mais do que uma criança, tal como é possível verificar na tabela 7.

Tabela 7.

Caracterização da resposta à pergunta: Tem mais filhos?

Questão 3.4. - Tens mais filhos?	n	%
Não	10	18.9
Sim	43	81.1
Total	53	100

Como forma de se compreender as dinâmicas das famílias inquiridas, a primeira questão que colocamos relacionada com este tópico foi:” O seu filho pratica atividades extracurriculares nos tempos livres?”, a qual obtivemos respostas muito positivas, uma

vez que 75.5% (n=40) das crianças provenientes dos agregados familiares inquiridos praticam atividades extracurriculares (Tabela 8).

Tabela 8.

Caracterização das respostas à pergunta: O seu filho/a pratica atividades extracurriculares nos tempos livres?

Questão 3.5- O seu filho/a pratica atividades extracurriculares nos tempos livres?"	n	%
Não	13	24.5
Sim	40	75.5
Total	53	100

Foi possível analisar de forma discriminativa as respostas à questão “Se sim, quais?”, decorrente da anterior, especificando-se as atividades mais praticadas pelas crianças (e.g., futebol, natação, karaté, dança, ciclismo, motocross e escutismo).

Tabela 9.

Caracterização da resposta à pergunta: O/A seu/sua filho/a usa tecnologias?

II- Questão 1- O/A seu/sua filho/a usa tecnologias?"	n	%
Não	4	7.5
Sim	49	92.5
Total	53	100

Na tabela 9, pode verificar-se as respostas à questão de resposta fechada: “O/A seu/sua filho/a usa tecnologias?”. É importante destacar que 92.5% (n=49) das crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos utilizam tecnologias.

Tabela 10.

Caracterização da resposta à pergunta: A primeira tecnologia que o seu filho usou foi o telemóvel?

Questão 2.1- A primeira tecnologia que o seu filho usou foi o telemóvel?"	n	%
Não	33	62.3
Sim	20	37.7
Total	53	100

Após a análise às respostas da questão anterior, tornou-se importante investigar qual o dispositivo eletrónico inicial utilizado pelas crianças. Assim pode-se constatar que o telemóvel foi o primeiro contacto com os ecrãs de 62.3% (n=33) das crianças. A percentagem de crianças em que o telemóvel não foi o primeiro dispositivo utilizado é de 37.7% (n=20), mostra-se como um valor muito interessante, uma vez que representa menos de metade do número da amostra.

Tabela 11.

Caracterização da resposta à pergunta: “A primeira tecnologia que o seu filho usou foi o tablet?”

Questão 2.2- A primeira tecnologia que o seu filho usou foi o tablet?	n	%
Não	29	54.7
Sim	24	45.3
Total	53	100

No que concerne à análise à questão: “A primeira tecnologia que o seu filho usou foi o tablet?”, 54.7% (n= 24) dos pais inquiridos assinalaram que o tablet foi o primeiro dispositivo móvel a que as crianças tiveram acesso.

Tabela 12.

Caracterização da resposta à pergunta: A primeira tecnologia que o seu filho usou foi o computador?

Questão 2.3- A primeira tecnologia que o seu filho usou foi o computador?”	n	%
Não	48	90.6
Sim	5	9.4
Total	53	100

Na tabela 12, pode verificar-se que o primeiro contacto com as TIC de 90.6% (n=48) das crianças inseridas nos questionários aplicados foi através do computador.

Tabela 13.

Caracterização da resposta à pergunta: A primeira tecnologia que o seu filho usou foi a televisão?

Questão 2.4- A primeira tecnologia que o seu filho usou foi a televisão?	n	%
Não	52	98.1
Sim	1	1.9
Total	53	100

Tal como refere Souza et al. (2020), no ambiente familiar a televisão está presente na maioria das famílias, contudo neste estudo é possível concluir através da análise da tabela 13, que 98.1% (n=52) das crianças não tiveram como primeiro contacto com as TIC através da televisão.

Tabela 14.

Caracterização da resposta à pergunta: O meu filho quando iniciou o contacto com as tecnologias começou com todas as anteriores?

Questão 2.5- O meu filho quando iniciou o contacto com as tecnologias começou com todas as anteriores?	n	%
Não	51	96.2
Sim	2	3.8
Total	53	100

Por último, é importante referir que 96.2% (n=51) dos pais/cuidadores responderam que os seus filhos quando contactaram pela primeira vez com as TIC, ocorreu através de todas os meios anteriormente mencionados (Tabela 14).

Tabela 15.

Caracterização da resposta à pergunta: O/A seu/sua filho/a tem telemóvel próprio?

Questão 3. O/A seu/sua filho/a tem telemóvel próprio?	n	%
Não	29	54.7
Sim	24	45.3
Total	53	100

A partir da análise aos dados contidos na tabela 15, é de ressaltar que 54.7% (n=29) das crianças desta amostra não possui telemóvel próprio. No entanto, é importante ter em atenção no valor correspondente às crianças que já têm o seu próprio dispositivo (n= 24, 45.3%).

Das crianças que possuem telemóvel próprio, apenas 26.4% (n=14) leva o seu dispositivo para a escola.

Após esta abordagem é importante analisar para que finalidade as crianças utilizam o telemóvel. Segundo os dados recolhidos da aplicação do inquérito por questionário, 58.5% (n=31) das crianças inseridas nos agregados familiares inquiridos utilizam o telemóvel para jogar. No entanto, 47.2% (n=25) usam estes dispositivos para

realizar pesquisas, 34.0% (n=18) para a elaboração de trabalhos escolares e apenas 3.8% (n=2) utilizam o telemóvel para conhecer pessoas novas.

A tabela 16 mostra de que forma as crianças utilizam as TIC quando se encontram em suas casas. É importante investigar se há supervisão ou não por parte do adulto quando as crianças estão em contacto com as tecnologias. Na análise a estes dados não foi contabilizada uma das respostas porque não respondeu ao solicitado.

Tabela 16.

Caracterização da resposta à pergunta: O seu filho utiliza as TIC sozinho, acompanhado ou de ambas as formas?

Questão 6.5- O seu filho utiliza as TIC sozinho, acompanhado ou de ambas as formas?	n	%
Sozinho	11	20.8
Acompanhado	25	47.2
Ambos	16	30.2
Não responde	1	1.8
Total	53	98.1

Neste estudo é verificável que 47.2% (n=25) das crianças utiliza os diferentes dispositivos eletrónicos acompanhados por um adulto e apenas 20.8% (n=11) se encontra sozinha nestes momentos.

Nos dias de hoje, as crianças começam a criar redes sociais cada vez mais cedo o que significa que estão mais suscetíveis a certos perigos (Thomazini & Goulart, 2018). Importa assim, investigar neste estudo se os pais/cuidadores têm conhecimento se os seus filhos utilizam ou não as redes sociais

Tabela 17.

Caracterização da resposta à pergunta: “Como pai/mãe tem conhecimento se o/a seu filho/a utiliza as redes sociais?”

Questão 7- Como pai/mãe tem conhecimento se o/a seu filho/a utiliza as redes sociais?	n	%
Não, não tem redes sociais	34	64.2
Sim, tenho conhecimento	14	26.4
Sim, sou seu amigo virtual	5	9.4
Total	53	100

Na tabela 17, verifica-se que 64.2% (n=34) dos pais/cuidadores inquiridos afirmam que os seus filhos não têm redes sociais. No entanto, podemos analisar que 26.4% (n=14) tem conhecimento da utilização das redes sociais por parte dos filhos, e apenas 9.4% (n=5) não possuem qualquer conhecimento em relação ao contacto dos filhos com as redes sociais.

Neste estudo, foi importante investigar quanto tempo, em média, as crianças passam no telemóvel, computador ou tablet (Tabela 18), em dias de escola.

Tabela 18.

Caracterização da resposta à pergunta: “Em média, em dias de escola quantas horas o seu filho(a) passa no telemóvel, computador ou tablet?”

Questão 9. “Em média, em dias de escola quantas horas o seu filho(a) passa no telemóvel, computador ou tablet?”	n	%
Menos de 1 hora	31	58.5
1 a 2 horas	21	39.6
Total	52	98.1

É de ressaltar que 58.5% (n=31) das crianças tem contacto com as tecnologias menos de 1 hora em dias de escola, por outro lado 39.6% (n=21) utilizam as TIC entre 1 a 2 horas.

Para este estudo, considerou-se importante analisar se os participantes desta amostra permitem que os seus filhos tenham em sua posse o telemóvel na hora da refeição.

Tabela 19.

Caracterização da resposta à pergunta: “Na hora das refeições o/a seu/sua filho/a utiliza o telemóvel?”

Questão 11- Na hora das refeições o/a seu/sua filho/a utiliza o telemóvel?”	n	%
Não	48	90.6
Sim	5	9.4
Total	53	100

Desta forma, constatou-se que 90.6% (n=48) das famílias da amostra em estudo não permite que o/a seu/sua filho/a utilize o telemóvel enquanto realizam as suas refeições diárias (Tabela 19).

Um dos hábitos que os pais muitas vezes têm, passa por permitir que as crianças tenham em sua posse o telemóvel antes de dormir. Neste estudo, analisou-se essa questão e é importante ressaltar que 75.5% (n=40) dos agregados familiares inquiridos não permite que os seus filhos adquiram o hábito de usarem o telemóvel antes de dormir (Tabela 20). Apenas 9.4%(n=13) da amostra permite que as crianças tenham acesso ao telemóvel nesse horário.

Tabela 20.

Caracterização da resposta à pergunta: “Antes de dormir o/a seu/sua filho/a tem acesso ao telemóvel”?

Questão 12- Antes de dormir o/a seu/sua filho/a tem acesso ao telemóvel?”	n	%
Não	40	75.5
Sim	13	24.5
Total	53	100

Após a caracterização dos dados sobre a utilização das TIC por parte das crianças inseridas nas famílias que se inquiriu, é essencial analisar quais as atividades que as crianças realizam com maior frequência com a sua família. Nesta sequência, constatou-se que os pais realizam muitas atividades em conjunto com os seus filhos. Assim, na resposta a esta questão, os participantes podiam selecionar mais do que uma opção de resposta. Destaca-se que 98.1% (n=52) das respostas dizem que as crianças preferem

realizar atividades que não impliquem ficar em casa no computador ou telemóvel, sendo este um dado positivo. Um aspeto menos positivo é que a alínea: “Vemos televisão em família” obteve 39 seleções, 73.6%, o que significa que uns números expressivos de famílias durante os seus momentos de convívio optam por ficar em casa, em contacto com a tecnologia.

Após analisar as atividades desenvolvidas em famílias procedemos à análise das respostas à questão: “De que forma o/a seu/sua filho/a ocupa o seu tempo livre?”, sendo que os inquiridos poderiam selecionar mais do que uma opção. Salienta-se que 29 participantes (54.7%) responderam que o/a seu/sua filho/a ocupa o seu tempo livre em frente ao telemóvel, televisão ou tablet e a brincar com os seus brinquedos. É importante destacar que 38 participantes assinalaram que os seus filhos passam o seu tempo livre na rua, na natureza, ao ar livre; 26 participantes (49.1%) assinalaram que nos tempos livres os seus filhos praticam desporto ou atividade física, 23 (43.4%) dedicam o tempo à leitura e apenas 15 (28.3%) vão ter com os amigos para brincar.

Neste sentido, foi importante investigar, em média, quanto tempo as crianças passam com os seus familiares e amigos por semana (Tabela 21). Na análise dos dados referentes a esta questão, omitiu-se uma resposta por não cumprir o critério de seleção de apenas uma opção.

Tabela 21.

Caracterização da resposta à pergunta: “Em média, quantas horas passam as crianças com os seus familiares/ amigos, por semana?”

Questão 21- Em média, quantas horas passam as crianças com os seus familiares/ amigos, por semana?	n	%
1 a 2 horas	6	11.3
3 a 5 horas	12	22.6
5 a 7 horas	14	26.4
Mais de 7 horas	20	37.7
Total	52	98.1

Os dados mostram que 37.7% (n=20) das crianças incluídas neste estudo, passam mais de 7 horas por semana com os seus amigos e familiares, o que representa um indicador muito positivo.

Na tabela 22 apresentam-se os resultados obtidos sobre a percepção dos pais/cuidadores relativamente à utilização das TIC. No que diz respeito à questão: “O uso dos telemóveis pelas crianças é cada vez mais comum nos dias de hoje”, 90.6% (n=48) dos pais concorda com esta afirmação, apenas 3.8% (n=2) discorda.

Quanto à afirmação: “As crianças devem ter privacidade enquanto utilizam o telemóvel”, 90.6%(n=48) dos pais discorda (média 1.53 ± 0.723), por sua vez, 1.9 (n=1) concorda e 7.5% (n=4) nem concorda nem discorda.

No que concerne à afirmação: “As crianças devem ser sempre supervisionadas pelo adulto durante a utilização dos dispositivos moveis”, 90.6% (n=48) dos inquiridos concorda com esta afirmação (média de 4.60 ± 0.716); Apenas 1.9% (n=1) discorda totalmente e 7.5% (n=4) nem concorda nem discorda.

No que diz respeito à afirmação “A exposição aos ecrãs é potencialmente perigosa para as crianças”, 81.2% (n=43) dos inquiridos concorda (média 4.09 ± 0.815); por sua vez, 1.9% (n=1) discorda da afirmação e 17.0% (n=9) mostra-se indiferentes.

Em relação à afirmação “As crianças devem ter limite de tempo para utilizarem o telemóvel/tablet/computador”, verificou-se 100% (n=53) concorda com esta afirmação. Todos os pais/ encarregados de educação inquiridos concordaram com a afirmação: “Os pais devem estabelecer regras muito claras sobre a utilização de tecnologias”, o que represente 100% dos indivíduos da amostra (média 4.75 ± 0.434).

No que diz respeito à questão: “As tecnologias acarretam mais vantagens do que desvantagens”, 32.1% (n=17) dos inquiridos concordam com esta afirmação. Contrariamente, 15.1% (n=8) não concorda e 52.8% (n=28) mostra-se indiferente perante esta questão (média 3.21 ± 0.817).

Relativamente ao item: “O uso de dispositivos moveis provoca riscos para a saúde da criança”, é notável que, 69.8% (n=37) dos pais concorda com esta questão. Por outro lado, 3.8% (n=2) não concorda e 26.4% (n=14) mostra-se indiferente (média 3.89 ± 0.800).

No que concerne ao item: “O uso de computador por parte das crianças apenas deve servir para a realização de trabalhos escolares”, 45.3% (n=24) dos inquiridos manifesta concordância. Contrariamente, 32,0% (n=17) discorda e 22.6% (n=12) demonstra indiferença em relação a este tópico (média 3.21 ± 1.199).

Quanto à afirmação: “Quando as crianças estão mais aborrecidas, dar-lhes o telemóvel acaba por as tornar mais calmas”, mais de metade dos pais, 58.5% (n=31) discorda deste item. Por outro lado, 15.1% (n=8), pais/encarregados de educação

concorda 26.4% (n=14) demonstrou que nem concorda nem discorda deste item (média 2.26 ± 1.163).

Relativamente ao item: “As crianças sem telemóveis durante as refeições acabam por conversar com quem está ao redor da mesa”, observa-se que 90.6% (n=48) concorda, 7.5% (n=4) nem concorda nem discorda e apenas 1.9% (n=1) discorda deste item (média 4.49 ± 0.800). No que diz respeito à afirmação: “Os adultos também deveriam regular o tempo em que estão no telemóvel assim que chegam a casa”, 98.1% (n=52) dos pais inquiridos concorda e 1.9% (n=1) nem concorda nem discorda (média 4.60 ± 0.531).

Quanto ao item “Apenas os adultos devem utilizar o telemóvel durante a refeição”, 86.8% (n=46) discorda, 9.4% (n=5) nem concorda nem discorda e 1.9% (n=1) concorda com este item (média 1.48 ± 0.828).

No que concerne à afirmação “Durante o jantar temos sempre a televisão ligada para nos informarmos do que se passa no país”, 39.6% (n=21) concorda, 37.7% (n=20) mostra-se indiferentes, ou seja, não concorda nem discorda e 22.7% (n=12) discorda (média 3.09 ± 1.244).

Quanto ao item “Quando os avós (ou outros familiares) vêm a nossa casa não há dispositivos eletrónicos, “mata-se” as saudades que sentimos dos avós/família”, 79.2% (n=42) concorda, 18.9% (n=10), não concorda nem discorda e 1.9% (n=1) discorda (média 4.19 ± 0.810).

Relativamente à afirmação “O meu filho/a utiliza o telemóvel durante a refeição para me mostrar os seus trabalhos”, 94.3% (n=50) discorda, 3.8% (n=2) nem concorda nem discorda e 1.9% (n=1) concorda (média 1.55 ± 0.748).

No que diz respeito ao item “Quando estamos em família utilizamos demasiado tempo as tecnologias”, 56.6% (n=30) discorda, 24.5% (n=13) nem concorda nem discorda e 17.0% (n=9) concorda com este item (média 2.37 ± 1.189).

Quanto à afirmação “Em família, o meu filho/a cumpre regras definidas para utilizar tecnologias”, 75.5% (n=40) concorda, 15.1% (n=8) demonstra indiferença e 9.4% (n=5) discorda desta afirmação (média 3.87 ± 1.093).

Relativamente ao item “Na relação com o meu filho/a, existem conflitos relacionados com a utilização de tecnologias”, 54.7 (n=29) discorda, 34.0% (n=18) concorda e 11.3% (n=6) nem concorda nem discorda com este item (média 2.58 ± 1.307).

Por fim, em relação à afirmação “Na minha família, existem muitos momentos para atividades de lazer em conjunto”, 88.7% (n=47) dos pais inquiridos concorda e 11.3% (n=6) nem concorda nem discorda (média 4.19 ± 0.622).

Tabela 22

Caracterização da percepção dos pais/cuidadores sobre a utilização das tecnologias

Afirmações sobre a utilização das tecnologias	DT	D	NC/ND	C	CT	M	DP
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)		
1. O uso dos telemóveis pelas crianças é cada vez mais comum nos dias de hoje.	2 (3.8)	0 (0.0)	3 (5.7)	17 (32.1)	31 (58.5)	4.41	0.90
2. As crianças devem ter privacidade na utilização do telemóvel.	31 (58.5)	17 (32.1)	4 (7.5)	1 (1.9)	0 (0.0)	1.53	0.723
3. As crianças devem ser sempre supervisionadas pelo adulto durante a utilização dos dispositivos moveis.	1 (1.9)	0 (0.0)	4 (7.5)	10 (18.9)	38 (71.7)	4.60	0.716
4. A exposição aos ecrãs é potencialmente perigosa para as crianças.	1(1.9)	0 (0.0)	9 (17.0)	6 (49.1)	17(32.1)	4.09	0.815
5. As crianças devem ter limite de tempo para utilizarem o telemóvel/tablet/computador	0 (0.0)	0 (0.0)	0 (0.0)	16 (30.2)	37(69.8)	4.70	0.463
6. Os pais devem estabelecer regras muito claras sobre a utilização de tecnologias.	0 (0.0)	0 (0.0)	0 (0.0)	13 (24.5)	40(75.5)	4.75	0.434
7. As tecnologias acarretam mais vantagens do que desvantagens	1(1.9)	7 (13.2)	28 (52.8)	14 (26.4)	3(5.7)	3.21	0.817
8. O uso de dispositivos moveis provoca riscos para a saúde da criança.	0 (0.0)	2 (3.8)	14 (26.4)	25 (47.2)	12 (22.6)	3.89	0.800
9. O uso de computador por parte das crianças apenas deve servir para a realização de trabalhos escolares.	4 (7.5)	13(24.5)	12 (22.6)	16 (30.2)	8 (15.1)	3.21	1.199
10. Quando as crianças estão mais aborrecidas, dar-lhes o telemóvel acaba por as tornar mais calmas.	18 (34.0)	13(24.5)	14(26.4)	6 (11.3)	2 (3.8)	2.26	1.163
11. As crianças sem telemóveis durante as refeições acabam por conversar com quem está ao redor da mesa.	1 (1.9)	0 (0.0)	4(7.5)	15 (28.3)	33 (62.3)	4.49	0.800
12. Os adultos também deveriam regular o tempo em que estão no telemóvel assim que chegam a casa.	0 (0.0)	0 (0.0)	1 (1.9)	19 (35.8)	33 (62.3)	4.60	0.531
13. Apenas os adultos devem utilizar o telemóvel durante a refeição.	35 (66.0)	11 (20.8)	5 (9.4)	0 (0.0)	1(1.9)	1.48	0.828
14. Durante o jantar temos sempre a televisão ligada para nos informarmos do que se passa no país.	10 (18.9)	2 (3.8)	20 (37.7)	15 (28.3)	6(11.3)	3.09	1.244
15. Quando os avós (ou outros familiares) vêm a nossa casa não	0 (0.0)	1 (1.9)	10(18.9)	20 (37.7)	22(41.5)	4.19	0.810

há dispositivos eletrónicos, “mata-se” as saudades que sentimos dos avós/família.							
16. O meu filho/a utiliza o telemóvel durante a refeição para me mostrar os seus trabalhos.	29 (54.7)	21(39.6)	2(3.8)	0 (0.0)	1(1.9)	1.55	0.748
17. Quando estamos em família utilizamos demasiado tempo as tecnologias.	15 (28.3)	15(28.3)	13 (24.5)	6 (11.3)	3 (5.7)	2.37	1.189
18. Em família, o meu filho/a cumpre regras definidas para utilizar tecnologias.	4 (7.5)	1(1.9)	8 (15.1)	25 (47.2)	15 (28.3)	3.87	1.093
19. Na relação com o meu filho/a, existem conflitos relacionados com a utilização de tecnologias.	14(26.4)	15 (28.3)	6 (11.3)	15 (28.3)	3(5.7)	2.58	1.307
20. Na minha família, existem muitos momentos para atividades de lazer em conjunto.	0 (0.0)	0 (0.0)	6 (11.3)	31(58.5)	16(30.2)	4.19	0.622

DT-discordo totalmente, D- discordo, NC/ND – nem concordo nem discordo, C-concordo, CT- Concordo totalmente

3.1.2. ANÁLISES INFERENCIAIS

Como forma de corroborar as hipóteses de investigação delineadas no início deste estudo, realizou-se o teste não paramétrico de Mann Whitney, uma vez que as variáveis não cumprem os requisitos de distribuição normal dos dados. Também se aplicam testes não paramétricos com amostras pequenas e com variáveis categóricas e quando algum dos grupos tem variância zero, ou seja, quando são comparados dois grupos de sujeitos independentes (Maroco, 2018). O teste U de Mann-Whitney é a estatística calculada para comparar a diferença entre os postos dos dois grupos independentes. O valor de U ajuda a determinar a significância estatística da diferença entre esses grupos (Maroco, 2018).

Deste modo, através do teste supramencionado, pretende-se corroborar a H1: Existem diferenças significativas na perceção dos pais sobre o impacto das TIC nas dinâmicas familiares, em função das habilitações literárias. Assim, aplicou-se o Teste não paramétrico de Mann Whitney, em que se comparou as afirmações inseridas na escala de Likert (Tabela 23), que correspondem às perceções dos pais em relação à utilização das TIC, em função das habilitações literárias dos pais, considerando dois grupos: Ensino secundário e Ensino Superior.

De modo a verificar a hipótese H3 sobre o efeito da idade na perceção dos pais sobre a utilização das TIC ser mais benéfica para fins educativos do que para entretenimento, procedeu-se à análise das afirmações relacionadas com as TIC em contextos educativos ou de entretenimento em função das idades dos pais. Para tal construiu-se dois grupos com as idades dos pais baseados na média das idades.

O teste de Mann-Whitney, que compara os grupos de pais mais jovens e mais velhos, é aplicado às seguintes afirmações da escala Likert, que se alinham ao objetivo da hipótese. As afirmações seguintes estão mais relacionadas à percepção dos benefícios educacionais das TIC: 6 “Os pais devem estabelecer regras muito claras sobre a utilização de tecnologias”. Embora mais geral, regras claras podem refletir uma preferência por um uso controlado, possivelmente mais voltado para fins educativos, 9. “O uso de computador por parte das crianças apenas deve servir para a realização de trabalhos escolares”, esta alínea avalia se os pais veem as TIC como algo limitado a fins educativos. As alíneas a investigar são: 10. “Quando as crianças estão mais aborrecidas, dar-lhes o telemóvel acaba por as tornar mais calmas”, se os pais mais jovens discordam desta afirmação, pode indicar que consideram as TIC mais úteis para fins educativos do que como distrações para acalmar as crianças, 17. “Quando estamos em família, utilizamos demasiado tempo com as tecnologias.”, a visão de que há "uso excessivo" das TIC pode estar associada à percepção de que o uso voltado para entretenimento é desvantajoso, e 19. “Na relação com o meu filho/a, existem conflitos relacionados com a utilização de tecnologias”, pode indicar a

Como forma de investigar a hipótese H4, recorreu-se à aplicação do teste não paramétrico de Mann Whitney, em algumas afirmações presentes na escala de Likert, relevantes para esta investigação. As alíneas estudadas são: alínea 11: "As crianças sem telemóveis durante as refeições acabam por conversar com quem está ao redor da mesa.", avalia a percepção de que o uso de dispositivos móveis durante as refeições interfere na interação familiar. Pais que residem em meios urbanos que são mais de acordo, podem perceber as TIC como disruptivas nos momentos de convivência; alínea 14: "Durante o jantar temos sempre a televisão ligada para nos informarmos do que se passa no país", A concordância pode indicar que as TIC, nesse caso a televisão, interferem no tempo de convivência familiar durante as refeições; a alínea 15: "Quando os avós (ou outros familiares) vêm a nossa casa não há dispositivos eletrônicos, 'mata-se' as saudades que sentimos dos avós/família", avalia o impacto das TIC na interação durante encontros familiares. Menor concordância pode indicar que pais residentes em meio urbano percebem que as TIC interferem nesses momentos; a alínea 17: "Quando estamos em família, utilizamos demasiado tempo com as tecnologias", relaciona-se diretamente com o impacto das TIC no tempo de convivência familiar. Famílias residentes em meios urbanos podem concordar mais, indicando maior percepção do impacto negativo; a alínea 19: "Na relação com o meu filho/a, existem conflitos relacionados com a utilização de

tecnologias" conflitos relacionados comas TIC podem refletir perceções negativas sobre seu impacto no convívio familiar, e a alínea 20: "Na minha família, existem muitos momentos para atividades de lazer em conjunto", inversamente ligada à hipótese. Uma menor concordância por parte dos pais que vivem em meio urbano pode indicar que percebem que as TIC diminuem os momentos de lazer em família.

Assim, na maioria das afirmações analisadas, constatou-se que não apresentaram diferenças significativas em função das habilitações literárias ($p > 0,05$). Contudo, na alínea “Quando as crianças estão mais aborrecidas, dar-lhes o telemóvel acaba por as tornar mais calmas”, observaram-se diferenças significativas ($p < 0,05$). A tabela 23, apresenta os resultados do teste Mann-Whitney realizado para comparar os dois grupos ("Ensino Secundário" e "Ensino Superior") em relação à questão analisada.

Tabela 23

Resultados do Teste Mann Whitney em relação à questão: “Quando as crianças estão mais aborrecidas, dar-lhes o telemóvel acaba por as tornar mais calmas”

Afirmação em análise	Postos Médios (PM)		U	p
	Ensino Secundário	Ensino superior		
Quando as crianças estão mais aborrecidas, dar-lhes o telemóvel acaba por as tornar mais calmas	22.82	31.93	439.500	0.27

Segundo a Tabela 23, o grupo referente ao Ensino Superior tem um posto médio maior, indicando que, em geral, este grupo de pais deram respostas mais elevadas (maior concordância).

Tabela 24

Resultados do Teste Mann Whitney em relação à questão: “Em família, o meu filho/a cumpre regras definidas para utilizar tecnologias”

Afirmação em análise	Postos Médios (PM)		U	p
	Ensino Secundário	Ensino superior		
Em família, o meu filho/a cumpre regras definidas para utilizar tecnologias	22.66	32.17	444.500	.018

Relativamente à alínea “Em família, o meu filho/a cumpre regras definidas para utilizar tecnologias”, também se verificaram diferenças significativas ($p < 0,05$), ou seja, as diferenças nos postos médios sugerem uma tendência significativa, sendo que os pais com ensino superior revelam uma perceção mais favorável ou maior concordância com a utilização de tecnologias, comparativamente com os pais com ensino secundário.

Os resultados sugerem que as habilitações literárias influenciam a forma como os pais percebem a questão específica sobre o impacto das TIC. Tal como referido anteriormente os pais que estão familiarizados com as TIC permitem que as crianças desenvolvam uma relação mais estreita e controlada com o mundo digital. Por outro lado, os pais infoexcluídos, ou seja, que não dominam ou têm apenas um contacto mínimo com as TIC exercem um menor controlo e supervisão do uso das tecnologias por parte das crianças (Patrão et al., 2016).

Assim, podemos afirmar que a hipótese colocada a esta investigação foi confirmada em 2 questões/afirmações, mas em relação às outras afirmações não se verificaram diferenças significativas. Assim, a H1 foi parcialmente confirmada com base nos resultados apresentados.

Como forma de investigar a H2, “Pais com maior nível de habilitações literárias têm mais preocupações com os riscos associados ao uso das TIC pelos filhos”, realizou-se o teste Mann Whitney comparando as opiniões dos pais em relação às seguintes afirmações do questionário: 3. As crianças devem ser sempre supervisionadas pelo adulto durante a utilização dos dispositivos moveis; 4. A exposição aos ecrãs é potencialmente perigosa para as crianças; 5. As crianças devem ter limite de tempo para utilizarem o telemóvel/tablet/computador; 6. Os pais devem estabelecer regras muito claras sobre a utilização de tecnologias; 8. O uso de dispositivos moveis provoca riscos para a saúde da criança e 9. O uso de computador por parte das crianças apenas deve servir para a realização de trabalhos escolares, procurando-se analisar se variam, em função das habilitações literárias.

Tabela 25

Representação dos resultados obtidos através do Teste Mann Whitney como forma de atestar a H2: “Pais com maior nível de habilitações literárias têm mais preocupações com os riscos” associados ao uso das TIC pelos filhos

Opiniões dos pais sobre riscos das TIC	Postos Médios (PM)		U	p
	Ensino Secundário	Ensino superior		
As crianças devem ser sempre supervisionadas pelo adulto durante a utilização dos dispositivos moveis	26.50	26.50	325.500	.100
A exposição aos ecrãs é potencialmente perigosa para as crianças	24.06	30.10	401.000	.124
As crianças devem ter limite de tempo para utilizarem o telemóvel/tablet/computador	26.11	27.07	337.500	.780
Os pais devem estabelecer regras muito claras sobre a utilização de tecnologias	27.13	25.57	306.000	.628
O uso de dispositivos moveis provoca riscos para a saúde da criança	24.98	28.74	372.500	.347
O uso de computador por parte das crianças apenas deve servir para a realização de trabalhos escolares	28.89	22.98	251.500	.155

Tal como se pode constatar na Tabela 25, os resultados do Teste não paramétrico de Mann Whitney mostram que não existem diferenças significativas na opinião dos pais ($p > .05$), ou seja o nível de escolaridade não parece ter influência na opinião dos pais sobre os riscos das TIC para os filhos, o que significa que as opiniões entre os dois grupos de pais são semelhantes.

Com a colocação desta hipótese acreditava-se que a escolaridade mais alta estaria associada a uma maior preocupação com os riscos. A ausência de uma diferença significativa sugere que, para esta amostra e com as variáveis estudadas, a variável habilitação literária não parece ter um efeito significativo nas preocupações dos pais com os riscos das TIC.

Tabela 26.

Representação dos resultados da investigação da H3- pais mais jovens consideram o uso das TIC mais benéfico para fins educativos do que para entretenimento.

Opiniões dos pais sobre riscos das TIC	Postos Médios (PM)		U	p
	Menor 41	Maior ou igual 41		
Os pais devem estabelecer regras muito claras sobre a utilização de tecnologias.	27.74	26.43	328.000	.682
O uso de computador por parte das crianças apenas deve servir para a realização de trabalhos escolares.	30.91	24.00	255.000	.096
Em família, o meu filho/a cumpre regras definidas para utilizar tecnologias.	25.13	28.43	388.000	.408

Com base nos dados analisados, verificamos que não existem diferenças significativas ($p > .05$), ou seja, não há evidências suficientes para concluir que a idade dos pais influencia a forma como eles percebem ou aplicam esses conceitos relacionados ao uso das TIC. Pais mais jovens e mais velhos parecem ter opiniões semelhantes sobre essas questões, e a diferença entre os grupos não é estatisticamente relevante. No entanto é importante analisar cada alínea individualmente.

No que diz respeito à alínea 6: "Os pais devem estabelecer regras muito claras sobre a utilização de tecnologias, não há evidências de que pais mais jovens sejam mais propensos (ou menos propensos) a acreditar na importância de estabelecer regras claras sobre o uso das TIC. Isso indica que a criação de regras é uma preocupação compartilhada, independentemente da idade. Relativamente à alínea 9: "O uso de computador por parte das crianças apenas deve servir para a realização de trabalhos escolares", tanto pais mais jovens quanto mais velhos têm opiniões semelhantes sobre limitar o uso do computador a fins escolares. Isso sugere que a percepção sobre o uso educativo das TIC, como ferramenta apenas para atividades escolares, não é influenciada pela idade dos pais, por fim, relativamente à alínea 18: "Em família, o meu filho/a cumpre regras definidas para utilizar tecnologias", a adesão ou cumprimento das regras sobre o uso das TIC por parte dos filhos é vista de forma semelhante por pais de diferentes faixas etárias. Isso sugere que a percepção sobre como os filhos seguem essas regras não varia significativamente em função da idade dos pais.

Ao efeito da idade sobre a percepção dos pais sobre o uso das TIC, por parte dos filhos para fins educativos, procedeu-se à segunda parte da investigação, onde se aplicou

igualmente o Teste não paramétrico de Mann Whitney, aplicado às afirmações sobre a utilização das TIC, tendo como alternativas de resposta um formato de escala tipo likert, que se alinham ao objetivo da hipótese. As seguintes alíneas indicam como os pais veem as TIC como ferramentas de entretenimento, contrastando com a visão educacional.

Tabela 27.

Representação dos resultados da investigação da H3- pais mais jovens consideram o uso das TIC mais benéfico para entretenimento do que para fins educativos.

Opiniões dos pais sobre o uso das TIC	Postos Médios (PM)		U	p
	Menor 41	Maior ou igual 41		
Quando as crianças estão mais aborrecidas, dar-lhes o telemóvel acaba por as tornar mais calmas	27.89	26.32	324.500	.702
Quando estamos em família utilizamos demasiado tempo com as tecnologias.	23.85	28.60	394.500	.245
Na relação com o meu filho/a, existem conflitos relacionados com a utilização de tecnologias	25.80	27.92	372.500	.610

Segundo, Tana e Amâncio, (2023) a tecnologia surge como forma de entreter crianças e adolescentes, substituindo com o mundo virtual as interações sociais e momentos de convívio importantes para o desenvolvimento.

Com base na tabela 27, podemos constatar que após a aplicação do teste Mann-Whitney, não existem diferenças significativas ($p > .05$), isto significa que para estas afirmações, não há evidências suficientes para afirmar que a idade dos pais influencia a perceção ou o comportamento em relação às TIC nesses contextos específicos.

A parentalidade digital pretende refletir sobre a importância da literacia digital parental, mitos e realidades que lhes estão associadas. Emerge na contemporaneidade uma dupla responsabilidade por parte dos pais: a de vigiar e, eventualmente, controlar o comportamento dos filhos, mas também os seus próprios comportamentos online. Importa também ter em consideração e refletir até que ponto o direito das crianças à privacidade é colocado em causa (Barnes & Potter, 2020).

É importante analisar cada alínea em pormenor. Então no que concerne à alínea 10: Se Tanto os pais mais jovens quanto mais velhos têm opiniões semelhantes sobre o

uso do telemóvel como ferramenta para acalmar crianças aborrecidas. Isso sugere que a percepção sobre o uso do telemóvel como distração não parece estar relacionada com a idade dos pais (Barnes & Potter, 2020).

Relativamente à alínea 17, não há diferenças relevantes na percepção de que a família passa "demasiado tempo" utilizando tecnologias, independentemente da idade dos pais. Isso sugere que essa visão (de que há um uso excessivo) é compartilhada igualmente entre pais mais jovens e mais velhos. Os desenvolvimentos tecnológicos tiveram implicações profundas na dinâmica familiar, interferindo nos momentos de interação (Walther, 2012).

A ideia de que o uso recreativo das TIC em família pode ser prejudicial (ex.: limitar interações pessoais) não varia em função da idade dos pais. É importante a influência dos pais no controlo da utilização das TIC (Tana & Amâncio, 2023) Por fim, em relação à alínea 19 A percepção de que as TIC causam conflitos na relação pais-filhos (geralmente devido ao uso recreativo) não difere entre pais mais jovens e mais velhos.

A regulação do uso das TIC pode levar a desafios como o stress relacionado com o tempo que as crianças estão conectadas com os dispositivos móveis que pode afetar o tempo em família. A conectividade constante proporcionada pelos smartphones e e-mails dificulta a interação pais-filhos o que provoca conflitos. Encontrar um equilíbrio saudável entre o trabalho e a vida familiar é essencial para manter uma dinâmica familiar positiva na era digital (Walther, 2012).

Em suma, tanto pais mais jovens quanto mais velhos parecem reconhecer os desafios do uso recreativo das TIC (como distração, uso excessivo ou causa de conflitos), mas não diferem na forma como percebem ou enfrentam esses desafios. Isso pode indicar que questões relacionadas ao uso recreativo das TIC são universais entre pais, independente da idade, possivelmente devido à prevalência da tecnologia no cotidiano.

Assim, a hipótese em investigação foi rejeitada com base nos resultados obtidos pelo teste não paramétrico realizado.

Por último, procedeu-se à verificação da H4- Os pais residentes em meios urbanos percebem que o uso de TIC impacta negativamente os momentos de convivência familiar.

Tabela 28.

Representação dos resultados da investigação da H4- Os pais residentes em meios urbanos percebem que o uso de TIC impacta negativamente os momentos de convivência família.

Afirmção em análise	Postos Médios (PM)		U	p
	Meio rural	Meio Urbano		
As crianças sem telemóveis durante as refeições acabam por conversar com quem está ao redor da mesa	26.82	27.41	302.500	.883
Durante o jantar temos sempre a televisão ligada para nos informarmos do que se passa no país.	27.69	25.41	270.500	.606
Quando os avós (ou outros familiares) vêm a nossa casa não há dispositivos eletrónicos, “mata-se” as saudades que sentimos dos avós/família	26.62	27.88	310.000	.771
Quando estamos em família utilizamos demasiado tempo com as tecnologias	28.22	22.63	226.000	.204
Na relação com o meu filho/a, existem conflitos relacionados com a utilização de tecnologias	28.01	24.66	258.500	.452
Na minha família, existem muitos momentos para atividades de lazer em conjunto.	25.85	29.66	338.500	.348

Após a realização do teste não paramétrico de Mann Whitney, é possível concluir que não existem diferenças significativas ($p > .05$), ou seja, não há evidências estatísticas de que os pais residentes em meios urbanos e rurais veem o impacto das TIC nos momentos de convivência familiar de maneira diferente. Por outras palavras, ambos os grupos de pais têm opiniões semelhantes sobre como as TIC afetam a convivência e a dinâmica familiar nas situações avaliadas.

Assim, passou-se a analisar em pormenor as alíneas estudadas que fizeram rejeitar a hipótese colocada. No que concerne à alínea 11: "As crianças sem telemóveis durante as refeições acabam por conversar com quem está ao redor da mesa", tanto os pais que vivem em meio urbano como rurais têm perceções semelhantes sobre como o uso do telemóvel durante as refeições interfere na interação familiar. É importante esta atitude por parte dos pais, em evitar a utilização das TIC no momento das refeições, pois é algo que pode ter efeitos prejudiciais na interação e no desenvolvimento do sistema familiar. As horas da refeição e outras atividades em família tornam-se momentos bastante

benefícios para os adultos, mas essencialmente para o desenvolvimento das crianças (Villegas, 2013).

No que concerne à alínea 14: "Durante o jantar temos sempre a televisão ligada para nos informarmos do que se passa no país", tanto os pais que vivem em meio urbano como os que vivem em meio rural têm percepções semelhantes sobre o impacto da televisão durante as refeições. No que diz respeito às alíneas referentes à utilização das TIC nos momentos em família a percepção dos pais é semelhante para ambos os grupos, o que indica que a localização (urbana ou rural) não influencia a opinião sobre este tema. Tal como refere Villegas, (2013), os meios de comunicação com os quais interagimos diariamente influenciam os relacionamentos e a dinâmica familiar.

Relativamente à alínea 19: "Na relação com o meu filho/a, existem conflitos relacionados com a utilização de tecnologias", os conflitos familiares relacionados com as TIC são percebidos de forma semelhante por pais que residem meio urbano e rural.

Por fim, no que concerne à alínea 20: "Na minha família, existem muitos momentos para atividades de lazer em conjunto," ambos os grupos apreciam de forma parecida os momentos de lazer em família, sugerindo que as TIC não são vistas como um fator que diminui ou afeta esses momentos independentemente do meio onde residem.

Deste modo, podemos concluir que a localização (meio urbano ou meio rural), não parece ser um fator com uma influência significativa, neste estudo, na opinião dos pais sobre o impacto das TIC nos momentos de convivência familiar.

A interferência dos pais é importante para construção de bons hábitos em relação aos, principalmente para a manutenção da saúde dos filhos (Souza et al., 2020).

Os desafios ou benefícios associados ao uso de tecnologias em momentos familiares são percebidos de forma homogênea entre os dois grupos. Assim esta hipótese foi rejeitada com base nos resultados do estudo realizado.

CONCLUSÃO

Com a presente investigação, intitulada como “O impacto das TIC nas dinâmicas familiares-percepção dos pais/cuidadores” pretendeu-se dar resposta à questão-problema formulada e testar as hipóteses de investigação delineadas.

Foi possível analisar que as tecnologias não parecem influenciar significativamente as dinâmicas das famílias inquiridas. Contudo, para a confirmação das hipóteses formuladas, optou-se por operacionalizar variáveis que poderiam influenciar a percepção dos pais sobre o impacto das TIC nas dinâmicas familiares, nos momentos de convívio familiar, na utilização destas por parte dos filhos. Assim, pretendeu-se verificar a percepção dos pais sobre a influência das tecnologias nas dinâmicas familiares, em função das variáveis sociodemográficas, habilitações literárias, a idade e a zona de residência dos pais/cuidadores inquiridos.

A escolha deste tema surge pelo facto de nos dias de hoje as crianças terem acesso às TIC numa idade mais precoce do que há alguns anos (Nobre et al., 2021). Não só as crianças, mas também os adultos estão mais dependentes das TIC, nomeadamente do telemóvel. É neste sentido que esta investigação surge, para tentar perceber qual o impacto das TIC nas dinâmicas familiares, qual a percepção dos pais em relação à utilização das Tecnologias (Akram & Kumar, 2017)

Neste sentido, para este estudo foi fundamental perceber o impacto das tecnologias nos diferentes momentos familiares.

É de ressaltar que os resultados obtidos no estudo, relativamente ao tempo em que as crianças devem estar em contacto com os ecrãs (menos de 1 hora) está de acordo com o que está estipulado pela World Health Organization (citado por Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019) que refere que crianças entre os 2 e os 5 anos não devem gastar mais de uma hora com tempo de ecrã e quanto menos melhor, uma ou duas horas por dia é o tempo de ecrã para crianças entre os 6 e os 10 anos e de duas ou três horas por dia a jovens entre os 11 e os 18 anos, não esquecendo a supervisão (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

As análises descritivas sugerem que a maioria das crianças não utiliza qualquer tecnologia durante as refeições, nem antes de dormir, o que demonstra que nestes momentos existe convívio e aconchego com a família. Contudo, é importante salientar que algumas crianças revelam maior ligação às tecnologias, designadamente, para se alimentarem e para dormir.

De acordo com Patrão et al. (2016), os pais deverão ter consciência de que são modelos para as crianças e como tal, têm de ser os primeiros a controlar a utilização das tecnologias, principalmente na hora das refeições (Villegas, 2013) de modo a transmitir às crianças o limite de tempo que estas devem ter no contacto com as tecnologias.

Um aspeto essencial a destacar neste estudo é a percentagem referente às horas que as crianças passam em frente aos ecrãs durante a semana (menos de 1 hora), o que representa um dado muito positivo, uma vez que cada vez mais cedo os professores exigem trabalhos escolares que necessitam do suporte do computador. É importante destacar que grande parte das crianças desta amostra passa mais de 7 horas a conviver com familiares e amigos, o que retrata a preservação de relações e laços.

Um aspeto menos positivo é a elevada percentagem de crianças que já possuem telemóvel próprio, o que pode ser um meio para se tornarem mais dependentes das tecnologias, no entanto a maioria dos pais de forma descritiva afirmou que comprou o telemóvel para o filho para ele poder comunicar com eles nos dias de escola nos momentos que não tem aulas.

Também referir que quanto às hipóteses formuladas as perceções dos pais não parecem divergir significativamente de acordo com a idade e área de residência. Contudo, verificou-se um efeito parcial da variável habilitações literárias nas perceções dos pais/cuidadores sobre as tecnologias. Independentemente das habilitações literárias, a literacia digital é fundamental, pois tem havido uma associação às crianças e aos seus modos de uso das TIC ou perigos que possam encontrar *online*. No entanto, as preocupações são mais abrangentes, pois estas abarcam outras dimensões no que toca ao uso das TIC (Batista & Costa, 2022).

Apenas destacamos neste estudo que pais com Ensino Superior têm uma perceção mais favorável ou de maior concordância sobre o uso das tecnologias, em comparação aos pais com Ensino Secundário.

Contrariamente ao que refere (Kyalo, 2024), as famílias com um estatuto socioeconómico mais elevado e maior escolaridade têm maior probabilidade de ter acesso a ferramentas de comunicação avançadas e ligações à internet estáveis, o que lhes permite tirar partido da tecnologia de forma eficaz. Em contraste, as famílias com um estatuto socioeconómico mais baixo e menor escolaridade podem enfrentar barreiras no acesso e utilização destas tecnologias, levando a disparidades na comunicação e nas interações familiares.

Em síntese, é muito importante estarmos atentos à entrada cada vez mais precoce das tecnologias nas vidas das crianças, visto que cada vez mais cedo, as crianças são “obrigadas” a ter contacto com o computador devido aos desafios da escolaridade. No entanto, é necessário haver sempre a supervisão do adulto em todos os momentos em que a criança esteja em contacto com o mundo digital, podemos constatar que a perceção dos pais/cuidadores está de acordo com esta premissa. Os pais também concordam que deve haver estabelecimento de regras relativamente à utilização das TIC, quer seja no horário da refeição, em momentos de convívio com a família, mas acima de tudo é importante que os próprios adultos deem o exemplo e coloquem os seus telemóveis de lado a partir do momento que entram nas suas casas (Villegas,2013).

Contudo, este estudo, parece evidenciar que as TIC não acarretam qualquer impacto negativo, contrariamente aquelas que são as preocupações atuais.

No que concerne ao trabalho com famílias e a nível escolar, é importante que o técnico/a da área psicossocial aborde as famílias sobre os aspetos positivos e negativos das tecnologias. Este estudo não se direccionou sobre os riscos da internet para as crianças, mas seria um bom tema a estudar. No entanto foi possível verificar que 64.2% das crianças inseridas nas famílias inquiridas não possui redes sociais, o que parece ser um indicador positivo. A internet acarreta demasiados perigos, como o cyberbullying, phishing, burlas, e torna-se mais perigoso quando as crianças muito pequenas têm acesso livre à internet. De acordo com Batista e Costa (2022), as TIC suscitam um conjunto de preocupações acerca dos conhecimentos e competências que pais e filhos devem ter sobre como usar essas tecnologias. Entre essas preocupações, evidencia-se o *sharenting* (a partilha de conteúdos dos filhos *online*, pelos pais), a partilha de conteúdos sobre as crianças por instituições (e.g., escolas, municípios e freguesias) e as partilhas realizadas pelas próprias crianças nas redes sociais como o Facebook ou Instagram. Neste sentido, é importante haver uma atenção redobrada por parte dos pais e professores e que devemos, enquanto técnicos psicossociais apostar nas sessões de sensibilização para os pais e crianças, não só como forma de prevenir/ minimizar os riscos da internet, mas também para mostrar as vantagens e benefícios do uso inteligente da internet (Batista & Costa, 2022).

De facto, a tecnologia e a internet mudaram as relações no âmbito da família; porém, é necessário atentar para que a família não se torne refém dessas ferramentas, o que pode gerar consequências negativas na vida das crianças, principalmente, no desenvolvimento afetivo delas, pois onde não há expressões de amor e carinho,

difícilmente essa criança saberá lidar com a falta desses sentimentos (Pedroso & Bonfim, 2017).

Na realização deste estudo ocorreram algumas limitações, os pais/cuidadores não pareceram motivados para o preenchimento do questionário online, o que teve de ser contornado com o recurso à aplicação presencial de questionários em papel.

Futuramente, poderia realizar-se a presente investigação, associando uma componente de metodologia qualitativa, com o recurso a entrevistas para que houvesse uma análise mais ampla das respostas dadas pelos pais/cuidadores. Adicionalmente, considerando que a literatura sublinha que o acesso à tecnologia tem surgido cada vez mais cedo, seria interessante a aplicação deste estudo a pais/cuidadores com filhos em contexto de Educação Pré-Escolar. Seria igualmente interessante aplicar este estudo em famílias com filhos adolescentes e desta forma comparar os resultados obtidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L., & Freire, T. (2008). *Metodologias da investigação em psicologia e educação* (5.^a ed.). Psiquilibrios.
- Abdullahi, S., Judith, O., & Okan, O. (2025). *The Integration of Technology on Family Dynamics and Communication Pattern*. 3(1), 28–36.
<https://doi.org/10.58578/alsystech.v3i1.3892>
- Akram, W., & Kumar, R. (2017). A Study on Positive and Negative Effects of Social Media on Society. *International Journal of Computer Sciences and Engineering*, 5(10), 347–354.
- Batista, A., & Costa, R. (2022). *Literacia Digital Parental: Mitos e realidades*. 2^o International Congress on 21^o Century Literacies, Santarém.
- Brezmes, J., Hernández, A., Ocampo, D., Lara, G., & Gómez, A. (2023). Mobile phone use, sleep disorders and obesity in a social exclusion zone. *Anales de Pediatría*, 98, 344–352.
- Carvalho, J., Francisco, R., & Relvas, A. P. (2018). *E-FAMÍLIAS: O IMPACTO DAS TIC NA VIDA CONTEMPORÂNEA DE FAMÍLIAS COM CRIANÇAS*. 184–197.
- Dias, M. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica- O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, 19, 139–156.
- Dourado, S., Costa, B., Ribeiro, I., Alcantara, G., & Airoso, S. (2024). Uso de dispositivos móveis e aplicativos educacionais: Como os smartphones, tablets e aplicativos podem ser utilizados como ferramentas de aprendizagem complementar. *Revista Observatório de La Economía Latinoamericana*, 22(6).
<https://doi.org/10.55905/oelv22n6-195>

- Faria, J., & Rodrigues, P. (2019). Dependência de Videojogos: Uma realidade emergente. Em *Jogo, Internet e Outros Comportamentos Aditivos* (: Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, pp. 13–21).
- Kyalo, J. (2024). The Impact of Communication Technology on Family Dynamics. *Cari Journal*, 3, 1–16.
- Liubinienė, V., & Kasperavicienė, R. (2019). Young Children (2-13) and Digital Technologies: A case study of Lithuania. Em *Crianças, Famílias e Tecnologias. Que desafios? Que caminhos?* (pp. 8–17). cied.
https://www.eselx.ipl.pt/sites/default/files/media/2019/e-bookrbfinal2_1.pdf
- Morgado, A. (2010). *Estrutura e relações familiares: Implicações para o desenvolvimento da socialização* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra].
https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/15551/1/Estrutura%20e%20rela%C3%A7%C3%B5es%20familiares_%20Implica%C3%A7%C3%B5es%20para%20o%20desenvolvimento%20da%20socializa%C3%A7%C3%A3o.pdf
- Neumann, D., & Missel, R. (2019). Família Digital: A Influência da Tecnologia nas Relações entre Pais e Filhos Adolescentes. *Pensando Famílias*, 23(2), 75–91.
- Nobre, J., Santos, J., Santos, L., Guedes, S., Pereira, L., Costa, J., & Morais, R. (2021). Determining factors in children's screen time in early childhood. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(3). <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.00602019>
- Patrão, I., Machado, M., & Brito, R. (2016). O funcionamento familiar, o bem-estar e o uso da Internet. Em I. Patrão & D. Sampaio (Eds.), *Dependências Online* (1ª, pp. 133–147). Pactor.

- Pedroso, C., & Bonfim, E. (2017). O impacto da tecnologia no ambiente familiar e suas consequências na escola. *Revista eletrônica dos discentes da Faculdade Eça de Queirós*, 6(10).
- Rio, F. (2021). *O Impacto das Novas Tecnologias nas Relações Interpessoais dos Jovens* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança].
<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/23859/1/Francisco%20Manuel%20Martins%20do%20Rio.pdf>
- Shahid, A., & Tasgheer, A. (2021). Overview of Impacts Of Techonoly and Digitalization on Family Dynamics: An Islamic Perspetive. *The Scholar Islamic Academic Research Journal*, 7(1), 20–35.
<https://doi.org/10.29370/siarj/issue13ar2>
- Souza, S., Marques, K., & Reuter, C. (2020). Screen time above recommendations in children and adolescents: Analysis of associated nutritional, behavioral and parent factors. *J Hum Growth Dev.*, 30(3).
<https://doi.org/http://doi.org/10.7322/jhgd.v30.11067>
- Tana, C., & Amâncio, N. (2023). Consequências do tempo de tela na vida de crianças e adolescentes. *Research, Society and Development*, 12(1).
<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i1.39423>
- Thomazini, M., & Goulart, E. (2018). Relações Familiares: A influência do virtual. *Revista Interações*, 48.
- Villegas, A. (2013). The influence of Technology on Family Dynamics. *Proceedings of the New York State Communication Association.*, 2012(10).

Yolanda, Chassiakos, Jenny Radesky, Christakis, Megan, & Moreno. (2018). Children and Adolescents and Digital Media. *American Academy of Pediatrics*, 138(5).
<https://doi.org/10.1542/peds.2016-2593>

ANEXOS